

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

EVERTON RONNIERY TAVARES SOUZA

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**QUANDO O OLHAR ABRAÇA: UM FLÂNEUR EXPERIENCIANDO AS  
AMBIÊNCIAS DO COMÉRCIO INFORMAL DE BELÉM DO PARÁ.**

**BELÉM/PA  
2022**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

EVERTON RONNIERY TAVARES SOUZA

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**QUANDO O OLHAR ABRAÇA: UM FLÂNEUR EXPERIENCIANDO AS  
AMBIÊNCIAS DO COMÉRCIO INFORMAL DE BELÉM DO PARÁ.**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Análise e concepção do espaço construído na Amazônia.

Linha de pesquisa: Arquitetura, Cultura e Espacialidades na Amazônia

Orientador: Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva

**BELÉM/PA  
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S719q Souza, Everton Ronniery Tavares.  
Quando o olhar abraça : um flâneur experienciando as  
ambiências do comércio informal de Belém do Pará / Everton  
Ronniery Tavares Souza. — 2022.  
120 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2022.

1. Ambiência. 2. Informalidade. 3. Percepção. 4. Rua. 5.  
Subjetividade. I. Título.

---

CDD 720

EVERTON RONNIERY TAVARES SOUZA

**QUANDO O OLHAR ABRAÇA: UM FLÂNEUR EXPERIENCIANDO AS  
AMBIÊNCIAS DO COMÉRCIO INFORMAL DE BELÉM DO PARÁ.**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva

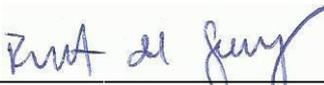
Defendido em 01 de Junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA



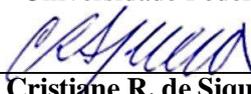
---

**Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva**  
**Presidente da Banca**  
PPGAU - Universidade Federal do Pará



---

**Prof.ª Dra. Renata de Godoy**  
**Examinadora Interna (titular)**  
PPGAU - Universidade Federal do Pará



---

**Prof.ª Dra. Cristiane R. de Siqueira Duarte**  
**Examinadora Externa (titular)**  
PROARQ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico esta vitória primeiramente ao grande Arquiteto do Universo. *“A Ele a glória, a Ele o louvor, a Ele o domínio, Ele é o Senhor”*. Ao Espírito Santo que me capacita com seus dons. À Nossa Senhora, que me acolhe e me consola nos momentos de aflição. Aos médicos, enfermeiros e técnicos que auxiliam na minha recuperação durante todos esses anos. Aos trabalhadores das Ruas Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo, que me deram a honra de ouvir suas histórias de vida, sonhos e anseios. Aos meus pais, Valdir e Durvalina Souza, por toda a coragem e perseverança, e acima de tudo, pelo amor infinito, *“o amor mais bonito, o maior e mais forte que existe”*.

## **AGRADECIMENTOS**

**A Deus,**

pelo seu braço forte que me sustenta e me conduz; pelos prodígios e milagres que me concede. Pelo sustento nos momentos de tribulação e cansaço. Pelo ânimo e entusiasmo que me proporcionou para chegar aqui e me fazer acreditar que posso ir além.

**Aos ‘nãos’,**

que recebi ao longo do tortuoso caminho. Os mesmos me tornaram um homem mais forte, destemido e indomável no ofício que escolhi desempenhar.

**À coordenação do PPGAU,**

pela oportunidade que me deram de realizar meu sonho. Por terem acreditado na minha capacidade em desenvolver com aptidão e excelência aquilo que a mim foi confiado.

**A todos os professores do PPGAU,**

por todo o conhecimento repassado, e acima de tudo: pela luz contagiante que me impulsionou a persistir na carreira acadêmica. Ser professor, no Brasil, é um ato de resistência!

**Ao meu orientador Luiz de Jesus Dias da Silva,**

pelo encontro nessa vida. Pelas inúmeras vezes que me enxergou melhor do que sou. Pela capacidade de me olhar devagar... pelo dom de multiplicar o que sou e o que posso vir a ser.

**Aos colegas do PPGAU, em particular: Jéssica Tavares, Thayse Queiroz, Carolina Moraes e Natielly Miranda,**

com quem dividi as alegrias, frustrações, dúvidas e todo esse percurso vitorioso que percorremos. Sem o ombro de vocês tudo teria sido mais árduo.

**Ao Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia (LASSAM/UFGA),**

por me permitirem fazer parte de sua fundação, o que pra mim ficará marcado para sempre. Que honra! Gratidão pelo aprendizado, pelas trocas e por todo o apoio.

**Ao Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC/UFRJ), nas pessoas das caríssimas professoras Cristiane Duarte e Ethel Pinheiro, bem como da colega Cândida Zigoni,**

por terem aberto as portas do conhecimento que pareciam tão distantes de mim. Por me possibilitarem conhecer excelentes profissionais (aqui eu cito Alice Brasileiro, Jean-Paul Thibaud, Kátia de Paula e Paula Uglione), apaixonados por aquilo que eu também escolhi pesquisar, sentir e perceber no campo humanizado da Arquitetura. Que encontro lindo neste vida!

**Às professoras Márcia Nunes e Renata de Godoy,**

pela enorme contribuição na qualificação do que hoje se torna dissertação. Cada observação e consideração feita serviu para meu aperfeiçoamento profissional, bem como para o aprimoramento desta pesquisa.

**À minha equipe médica e de enfermagem,**

por todo o cuidado, carinho e atenção nos momentos em que precisei estudar e apresentar seminários de dentro da sala de hemodiálise. Os anjos da guarda que, três vezes na semana e por quatro longas horas, tratam do meu corpo para que, a mente esteja sã e pronta para dar conta de todos os sonhos como este. É muito difícil sonhar sem enxergar a luz no fim do túnel, mas com tantas velas acesas por vocês em meu caminho, foi possível chegar até aqui.

**Aos grandiosos amigos que tenho,**

por nunca terem largado minha mão nos momentos do “não”. Por acreditarem, antes de mim, que este dia chegaria. Pelas palavras,

abraços de incentivo e todas as orações para que veu permanecesse de pé e resiliente em todos os momentos. Impossível citar todos aqui, mas não posso deixar de citar o dia do resultado da seleção de mestrado, quando meus amigos Lúcio, Tássia, Bruno, Dona Sandra e Maria Luiza chegaram com fogos de artifício na porta de minha casa. Acredito que, cada explosão no ar, foi uma forma de agradecer à Nossa Senhora por ter ido à frente e aberto todos os caminhos para que eu pudesse passar com segurança. É essencial também citar os queridos amigos: Maria Cristina Zanfra, Ana Cristina Lopes, Cadu Gomes, Larisse Rosa e Rebeca Ferreira Ribeiro, que me apoiaram e incentivaram a permanecer resiliente nesta longa e deliciosa viagem.

**A todos os trabalhadores das ruas aqui pesquisadas,**

dignos de respeito e reverência de minha parte. Por terem me acolhido de forma amigável, respeitosa e tão acessível. São pessoas humildes, e muitas das vezes com pouca instrução. Porém, cheias de um conhecimento inigualável, percepção apurada e uma vivência pautada na força de vontade e na superação.

**E para concluir , como tudo de melhor que a gente deixa pro final: agradeço ao meu pai Valdir da Cruz Souza,**

por alimentar meu sonho em ser Arquiteto, seja pelos inúmeros cadernos de pintura na infância, pelas revistas de “casas bonitas” e pelo orgulho que deixa transparecer no olhar e no sorriso ao falar “meu filho é Arquiteto”. A ele também agradeço por ter me repassado, através do DNA de meu avô Benedito Romário de Souza (*in memoriam*), o interesse em realizar o sonho de um humilde Bragantino que, para sustentar sua numerosa família, construía habitações humildes, apesar da falta de conhecimento acadêmico, com muita sabedoria e empenho. Vô, eu não lhe conheci pessoalmente, mas tenho certeza que sua história está registrada nas ruas do bairro de Canudos e marcada em meu coração.

### **E a minha santa mãezinha Durvalina,**

A quem eu dedico inteiramente este título. A pessoa que mais me apoiou em todos os dias da minha vida.

Sabe mãe, as vezes eu acho que a senhora não tem noção do que conseguiu fazer: educar dois filhos com salário de doméstica, cuidadora de idosos, vendedora de produtos de beleza e depois como técnica de enfermagem...não foi fácil. Mas eu sei! Eu sei de tudo o que a senhora fez. Eu vi a senhora tirando muitos plantões e dormindo muito pouco em casa. Eu vi a senhora preparar minha lancheira, conferir os deveres de casa. Eu vi todo o seu esforço pra por sustento dentro de casa e não deixar faltar nada pra gente.

E mesmo nessa correria, mesmo nessa luta, a senhora sempre teve tempo pra elogiar qualquer coisa que eu fizesse. Tempo pra abraçar, pra dar beijo, pra fazer chá de boldo de madrugada...tempo até para tirar um órgão seu e me doar. Mãe, naquele dia que entrei em coma e soltei da tua mão, você não soltou da minha. Nunca vou esquecer!

A senhora me ensinou a amar a vida mesmo quando ela é tão dura. E se não fosse pela luta por uma vaga na escola do bairro e pedir dinheiro emprestado pra pagar a mensalidade da faculdade, talvez eu não estivesse nem aqui. Por que a gente nunca teve condições, né?! Mas a senhora sempre acreditou em mim, mãe. E eu, só sou essa pessoa forte que eu sou hoje, graças a senhora, graças ao seu esforço. Enquanto a senhora estiver de joelhos no chão orando o seu terço, eu sei que consigo estar de pé. Mãe, você é uma guerreira! Você é minha heroína! Você é a mestra da vida! Obrigado por tudo!

“A arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina, e sim em sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada.

Ela (...) também incorpora e integra as estruturas físicas e mentais, dando maior coerência e significado à nossa experiência existencial.”

Juhani Pallasmaa, 2011

## RESUMO

A dinâmica existente no espaço urbano resulta de transformações históricas, sociais e econômicas diversificadas, que se entrelaçam com a informalidade. Neste sentido, não foram apenas as relações afetivas e de proximidades sociais que tiveram bruscas mudanças ao longo do tempo, mas todo um coletivo comercial e social que induzia tal dinâmica. Esta pesquisa tem por objetivo, então, fazer refletir acerca do trabalho informal mais conhecido tradicionalmente, a partir dos conceitos de percepção e subjetividade, em um dos principais corredores de comércio popular da cidade de Belém: as Ruas Conselheiro João Alfredo e Santo Antônio. Fundamentada nesta essência, a pesquisa apresenta uma linha histórico evolutiva, salientando as origens do comércio informal, bem como apresentando incursões etnográficas e perceptivas quanto ao ambiente construído, o protagonista do trabalho informal e sua realidade, culminando com reflexões acerca do significado que a informalidade tem para a cidade, acompanhado do mapa sensível das ambiências vividas.

**Palavras-chave:** Ambiência; Informalidade; Percepção; Rua; Subjetividade.

## **ABSTRACT**

The existing dynamics in the urban space results from diversified historical, social and economic transformations, which are intertwined with informality. In this sense, it was not only the affective relationships and social proximity that had abrupt changes over time, but a whole commercial and social collective that induced such dynamics. This research aims, then, to reflect about the informal work more traditionally known, from the concepts of perception and subjectivity, in one of the main corridors of popular commerce in the city of Belém: Conselheiro João Alfredo and Santo Antônio Streets. Based on this essence, the research presents a historical evolutionary line, highlighting the origins of informal commerce, as well as presenting ethnographic and perceptive incursions regarding the built environment, the informal work protagonist and his reality, culminating with reflections about the meaning that informality has for the city, accompanied by the sensitive map of the lived ambiances.

**Key words:** Ambiances; Informality; Perception; Street; Subjectivity.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
<i>apud.</i>	Citado por
Ed.	Edição
Edit.	Editora
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibidem	Da mesma obra
LABTEC	Laboratório de Tecnologias
LASC	Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura
LASSAM	Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia
nº	Número
NBR	Norma Brasileira
p.	Página
PROARQ	Programa de Pós Graduação em Arquitetura
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
v.	Volume

## LISTA DE FOTOS

FOTO 01 – Anúncio do Armazém Leão da América.....	34
FOTO 02 – Recorte do relatório do município de Belém.....	42
FOTO 03 – Rua Cons. João Alfredo próximo a Avenida Portugal, década de 1920.....	42
FOTO 04 – Postal da Avenida Portugal, década de 1930.....	43
FOTO 05 – “Minha mãe andando pela Rua dos Mercadores”.....	44
FOTO 06 – “Ele no centro comercial de Belém”.....	45
FOTO 07 – Postal da Rua Cons. João Alfredo com a Avenida Portugal em 1940.....	46
FOTO 08 – Rua Conselheiro João Alfredo esquina com a Tv. Frutuoso Guimarães em 1952.....	47
FOTO 09 – Rua de Santo Antônio.....	48
FOTO 10 – Casa Guerra na Rua de Santo Antônio.....	48
FOTO 11 – Rua Conselheiro João Alfredo.....	49
FOTO 12 – Rua Conselheiro João Alfredo.....	49
FOTO 13 – Rua Conselheiro João Alfredo em 1989.....	50
FOTO 14 – Rua Santo Antônio em 1989.....	50
FOTO 15 – Rua Conselheiro João Alfredo em 2019.....	51
FOTO 16 – Lá embaixo.....	69
FOTO 17 – Mostruário das camisas do Círio.....	70
FOTO 18 – Reflexões.....	71
FOTO 19 – O colorido das máscaras.....	72
FOTO 20 – Tradição e Contemporaneidade.....	73
FOTO 21 – Detalhes da Paris N’América.....	74
FOTO 22 – Fachada Lateral da Paris N’América.....	74
FOTO 23 – Interior da Casa Paris N’América.....	74
FOTO 24 – Intervenção na Rua Cons. João Alfredo.....	75
FOTO 25 – Tem alguém aí?.....	77
FOTO 26 – Cadê todo mundo?.....	77
FOTO 27 – Um Completo.....	78

## **LISTA DE MAPAS**

MAPA 01 – Localização Geral.....	24
MAPA 02 – Localização das Ruas Pesquisadas.....	25
MAPA 03 – Croqui do início do processo de ocupação de Belém.....	33
MAPA 04 – Mapeamento sensível das ambiências.....	82

## **LISTA DE IMAGENS**

IMAGEM 01 – Contextualização sensível fundadora das ambiências.....	20
---	----

## SUMÁRIO

### CAPÍTULO I

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>A Fenomenologia da Percepção</b> .....	18
<b>“Difícil de explicar; Fácil de sentir”</b> .....	20
<b>A arquitetura como meio de influência no processo de subjetividade do indivíduo</b> .....	22
<b>PERGUNTAS DA PESQUISA</b> .....	23
<b>OBJETO DE PESQUISA</b> .....	23
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	24
<b>METODOLOGIA UTILIZADA</b> .....	25
<b>OBJETIVOS</b> .....	29
<b>Geral</b> .....	29
<b>Específico</b> .....	29

### CAPÍTULO II

#### **FRAGMENTOS DA BELÉM DE OUTRORA: RECONHECIMENTO DO CONTRIBUTO DAS GERAÇÕES ANTERIORES**

<b>Ruas, prédios e pessoas</b> .....	33
<b>IMAGENS QUE EVOCAM MEMÓRIAS</b>	
<b>O interesse pelas fontes visuais</b> .....	37
<b>O nascer da fotografia e o alargamento do conceito de documento</b> .....	38
<b>A importância dos retratos antigos no resgate da memória</b> .....	40
<b>Análise dos documentos fotográficos</b> .....	41

### CAPÍTULO III

#### **TRABALHO DE RUA: ENTRE ESPAÇO E INFORMALIDADE**

<b>A complexa realidade da Antropologia na cidade</b> .....	56
<b>O nascer da economia informal</b> .....	57
<b>Que espaço é esse?</b> .....	58
<b>Ambulante ou Camelô?</b> .....	60
<b>Que significado tem para a cidade o espaço de comercialização na rua?</b> .....	61
<b>“EU SINTO – EU PERCEBO”</b>	
<b>O interesse pelo significado dos sentidos</b> .....	63

<b>Visão: a percepção da imagem.....</b>	<b>64</b>
<b>Audição: a percepção do som.....</b>	<b>64</b>
<b>Paladar: a percepção do gosto.....</b>	<b>64</b>
<b>Olfato: a percepção do cheiro.....</b>	<b>65</b>
<b>Tato: a percepção do toque.....</b>	<b>65</b>
<b>A ETNOGRAFIA COMO MÉTODO DE APREENSÃO DAS AMBIÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>
<b>O OLHAR QUE ABRAÇA: PERCEBENDO AMBIÊNCIAS ATRAVÉS DA SUBJETIVIDADE.....</b>	<b>67</b>
<b>“Bora lá embaixo”.....</b>	<b>68</b>
<b>O que acontece aqui, neste pequeno mundo?.....</b>	<b>70</b>
<b>Não tenho nem roupa pra isso.....</b>	<b>72</b>
<b>Um apagamento.....</b>	<b>75</b>
<b>A visagem.....</b>	<b>76</b>
<b>Um completo.....</b>	<b>78</b>
<b>A movimentação estrangeira nas ruas.....</b>	<b>79</b>
<b>A tensão nas ruas.....</b>	<b>79</b>
<b>Tudo tem aqui.....</b>	<b>79</b>
<b>MAPA SENSÍVEL DAS AMBIÊNCIAS.....</b>	<b>80</b>
<b>O percurso e as experiências dos usuários.....</b>	<b>80</b>
<b>Reflexões acerca dos dados coletados.....</b>	<b>83</b>

#### CAPÍTULO IV

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>105</b>

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

“Se o teu destino é pensar, então venera esse destino como se venera um deus e sacrifica-lhe o que de melhor tiveres, o que mais amares.”<sup>1</sup>  
Friedrich Nietzsche

Cada lugar afeta a nossa percepção espacial, transformando-os em potenciais positivos ou negativos, a serem compreendidos pelos arquitetos. E para que haja um “diálogo” positivo entre o usuário e o espaço, é necessário que o mesmo contenha características que façam com que o usuário se “sinta em casa”, como diz Solá-Morales (1989), o que se assemelha com o que Duarte *et al.* (2005, p.1) quando descrevem que este lugar é fruto da “materialização das culturas, subjetividade e projetos de vida”. Sendo assim, fica claro que, tanto o pensamento rigorosamente cartesiano e racional, como uma doutrina oposta baseada apenas na intuição, são equivocadas. Todo pensamento deve incluir razão e intuição como processos básicos e complementários.

Thibaud (2003, p.113) nos conta que, durante os últimos trinta anos, vários pesquisadores debatem e se questionam como ter acesso à realidade social dentro do que ele chama de “abordagens qualitativas”, apreendendo a vida do indivíduo através “das suas manifestações sensíveis e restaurá-las com a ajuda de relatos detalhados”, nos questionando qual é a posição que a percepção ocupa na construção social da realidade.

“(…) Para a etologia humana, a etnografia da comunicação, a sociologia das interações, a etnometodologia ou a análise conversacional, trata-se sobretudo de observar e descrever. Rejeitando o dualismo de ser e parecer, essas abordagens recomendam o estudo dos laços sociais a partir do que pode ser visto, ouvido e relatado. (Ibidem).”

E é com o intuito de apreender como se dá esse processo que, nesta introdução, seremos conduzidos à apreensão dos três principais conceitos que norteiam a presente dissertação: Percepção, ambiências e subjetividade.

#### **A fenomenologia da percepção**

É na fenomenologia da **Percepção** que nossa pesquisa se baseia, a qual se enraiza nas filosofias de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty que afirmam, segundo Lima (2014) que “o homem como ser e consciente de seu ser não é uma coisa nem um sujeito absoluto, mas uma subjetividade corporificada” encontrará seu indispensável fundamento.

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE apud LIMA, 2014. p. 45.

Merleau-Ponty (1999) define a fenomenologia como sendo o estudo da essência e, na visão dela, todos os problemas se resumem a tentar defini-lá. Mas a fenomenologia é também uma filosofia da essência re-existente, “onde as pessoas e o mundo não podem ser entendidos de outra forma senão com base em sua factilidade” (p. 01).

A fenomenologia, como ciência descritiva (ponto valoroso desta dissertação), procura examinar rigorosamente a experiência humana. Dessa forma, a reflexão se faz necessária para que seja possível observar as manifestações das coisas e saber descrevê-las. “Isto leva à compreensão de que o pensamento fenomenológico parte de uma unidade indivíduo-ambiente, e não de uma relação entre objetos isolados” (SILVA e DUARTE, 2020, p.11).

“(…) a fenomenologia funda uma escola do pensamento crítico ao pensamento clássico e que coloca no centro das questões a corporeidade, o eu empírico-perceptivo-sensorial, isto, portanto, encarnado em um espaço que é suporte, mas não meramente por constar de um enquadramento físico e, sim, fundamentalmente, por se tratar do meio através do qual as relações se dão e os fenômenos se integram ao real sensível (Ibidem).”

É uma investigação do que realmente tem probabilidade de ser descoberto e do que pode existir, mas nem sempre é visto por meio de procedimentos adequados, o que Heidegger chama de “um encontro com a própria coisa” (HEIDEGGER, 2006, p. 66). Para tanto, Lima (2014) aponta que Husserl sugere a interrupção de qualquer juízo (sobre a existência, sobre as propriedades reais e objetivas do que se apresenta), se libertando de suposições que ele chama de *epoché*<sup>2</sup>. Compreende-se portanto que a fenomenologia da percepção é a expressão sobre o que se revela e conduzindo o conhecimento para essa essência. “É uma filosofia da incompletude, do devir, em constante movimento, onde os vivos estão presentes e chegam sempre ao início de algo” (LIMA, 2014, p. 76-79). O autor Paul Ricoeur (1996, p. 9) sintetiza a idéia de Merleau-Ponty como sendo uma “maneira de ver o mundo e de ver a si mesmo no mundo.” Diante do exposto, Lima nos direciona ao entendimento de que:

“(…) o tema central é o fenômeno do comportamento humano, cuja compreensão é tecida de forma renovada a partir da psicologia da forma. Não sendo mais reduzido a processos mecanicistas, a análise de comportamento vai favorecer a visualização de uma nova abordagem no estudo do existir do homem, através de uma visão de conjunto de comportamento (LIMA, 2014, p.76).”

Pellini (2009), em sua publicação intitulada “*Uma Conversa sobre Arqueologia, Paisagem e Percepção com Robin o Bom Camarada*”<sup>3</sup> nos adverte que a percepção não é o

---

<sup>2</sup> Deriva do grego antigo e quer dizer “suspensão de juízo”.

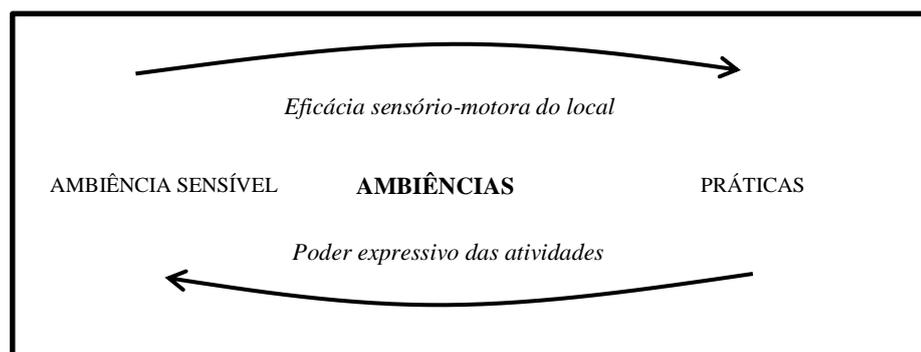
<sup>3</sup> Artigo publicado pelo autor na Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia em 2009.

único modo de viver o mundo. Imaginar, cuidar, propor, ainda são formas de olhar para ele. A diferença entre o experimento perceptivo e outras experiências, como por exemplo: pensar e imaginar, sonhar, lembrar, é que o experimento perceptivo tem um constituidor sensorial e outro conceitual. Segundo Jacobs (2006) se sempre observássemos os objetos da forma que eles são seria improvável mostrar a variação entre as duas diferentes percepções. Os objetos não mudam, mas nossa percepção sim. E quando desenvolvemos uma conexão espacial, social e sensorial com objeto percebido, que no caso desta pesquisa é um espaço, chamamos isso de **ambiência**.

### “Difícil de explicar; Fácil de sentir”

Augoyard (2007) destaca que a “Ambiência é algo muito fácil de sentir, ao mesmo tempo em que explicá-la é o que há de mais difícil”. Ela nos guia a refletir sobre tipos de experiência, percepção e ação em determinados e específicos contextos em conjunto com o que foi sentido e despertado no usuário, o que nas palavras de Pinheiro (2021) denomina-se: “ressonância com o mundo”. Já Thibaud (2021) traduziu o termo para *TONALIDADE AFETIVA* (Stimmung), salientando que “a arquitetura é muito mais do que matéria”. Por isso, Duarte *apud*. Melo (2019) nos diz que “sua definição está muito mais próxima do campo empírico do que teórico”. Isto significa que no campo empírico a realidade é material, física, palpável e detém atributos que são peculiares a ela. Isto quer dizer que está com o sujeito a responsabilidade de “captar as informações na forma de sensação e organizá-las na forma de percepção” (PELINNI, 2009, p.22). A Ambiência, então, atua como um agente que conecta as diversas sensações experimentadas pelos usuários em uma dada situação à espaços e lugares por eles utilizados, despertando lembranças, memórias, reconhecimento, interesse e sentimentos (ou a falta deles), atentando para que não haja um isolamento de situações, impressões e comportamentos individuais (DUARTE, COHEN, PINHEIRO *et al.*, 2013).

**Imagem 01:** Contextualização sensível fundadora das ambiências.  
**Fonte:** Thibaud (2000).



Evidenciando a capacidade das ambiências aguçarem os sentidos e tudo aquilo que é subjetivo para o ser humano, Duarte (2013, p. 2) ressalta que o fato de uma ambiência ser conceituada como aprazível (ou não) está na sua capacidade de ser identificada. Tal constatação brota de um processo suscitado pela memória “atribuindo significados ao lugar a partir de seu caráter multissensorial e íntimo dos registros previamente adquiridos por seus usuários”.

É importante reforçar que, em um mundo prestes a se distanciar de uma Pandemia, as ambiências tenderão a sofrer transformações quanto ao espaço urbano, ao familiarizar e ao surgimento de novos olhares. O que fundamenta a relevância desta pesquisa, que foi desenvolvida justamente durante o início e nos picos da pandemia da Covid 19. Explorar as ambiências do comércio informal durante tal episódio mostrou o quanto o estar na cidade foi afetado, principalmente em lugares de comércio “olho no olho e mão na mão”<sup>4</sup>. Neste caso, relacionando a impossibilidade do tocar e do sentir com o tato, os olhos passaram a ser o órgão....

De acordo com Pinheiro (2021) em sua apresentação no *Webnário Arquitetura e Subjetividade*<sup>5</sup>, a ambiência:

1. Pode ser caracterizada conforme seu grau de pregnância; ela é indivisível, **estabelece lugar**;
2. A ambiência **mobiliza o corpo** e é sentida imediatamente através dos sentidos. Ela é corporificada, convoca o movimento;
3. A ambiência está em toda parte, **compõe o cotidiano das cidades**;
4. A ambiência é transmitida ao homem pela **percepção**, uma percepção ativa, que não pode ser considerada fora do local apreendido, uma percepção situada;
5. A ambiência engloba;
6. A ambiência qualifica;
7. A ambiência se instala;
8. A ambiência religa;
9. A ambiência estimula;
10. A ambiência **SE VIVENCIA**.

---

<sup>4</sup> Expressão utilizada por comerciantes para demonstrar o ato da compra de uma mercadoria.

<sup>5</sup> Webnário realizado pelo LASSAM – PPGAU/UFPA em outubro de 2021, com as participações do Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva e da Prof<sup>a</sup> Dra. Rachel Sfair.

## **A arquitetura como meio de influencia no processo de subjetividade do individuo**

“O ato de habitar revela as origens ontológicas da arquitetura, lida com as dimensões primordiais de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e, eventualmente, o domicílio de uma pessoa. O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão; por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental (PALLASMAA, 2017, p. 7 e 8).”

Após o entendimento dos primeiros dois conceitos fundamentais da pesquisa, entendemos que o espaço cultiva e permite encontros e experiências, por isso precisamos nos deixar influenciar por aquilo que ele nos propicia, e entender que ele existe e funciona apenas na forma em que se encontra. Compreender que a arquitetura como encontro de múltiplas linguagens e estando em um lugar privilegiado por conta dos afetos que estimula dentro do espaço habitado individualmente e coletivamente, é capaz de auxiliar a refletir como o processo de subjetividade se revela.

Deleuze e Guatarri (2008, p.22) expõem que, tudo o que foi experienciado pelo usuário esta segmentado no espaço. Por isso é primordial “sair do eixo habitual e perder-se no emaranhado de percepções e afetos que o espaço proporciona”. Os filósofos propoem a reinvenção do espaço pelo corpo:

“(…) abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições, limiares, passagens e distribuições de intesidades, territórios e desterritorializações (DELEUZE E GUATARRI, 2008, p. 22).”

A experiência do contato com o espaço promove significados e memórias que transformam nossas percepções arraigadas, transformando-as em singulares, ou seja, em essência. Vivenciar o espaço e o lugar requer uma desaceleração por parte do individuo, para que haja maior tempo de observação, novas formas de pensar, ver, ouvir e sentir. É neste momento que o poder de afetar e ser afetado é elevado ao grau de eficiência. Os nossos olhos podem até se esquecer de como eram as coisas, mas o corpo ainda lembra, nossa memória sensorial emerge fragmentos para dar contingência a experiência atual e subjetiva (PELLINI, 2009, p. 22-28). Neste sentido, Chaves e Dias (2021, p. 74) certificam que “é possível pensar a arquitetura a partir de aspectos intangíveis”, o que atesta o fator da arquitetura imaterial poder influenciar o processo de subjetividade do indivíduo. Quanto a isso, Silva (2016) nos proporciona um entendimento peculiar ao citar o seu fascínio pela Pedra do Peixe do Ver-O-

Peso<sup>6</sup>, e o quanto ir aquele lugar estimulava suas recordações da infância ao lado de seus familiares. Não estamos falando apenas de uma dimensão física, mas também sensorial e experiencial, o que nos legitima a consolidar a ideia do quanto a arquitetura pode influenciar na subjetividade perceptiva do indivíduo. Silva (2021) sintetiza essa importância para a reprodução do espaço construído:

“(...) O ambiente construído, em todos os casos, deve ser considerado como um objeto a ser percebido e é onde o perceptor pode estar vivenciando ou mesmo modificando para adequar às suas necessidades. Quando já existente ou em operação, um determinado ambiente construído pode ser percebido e avaliado para se verificar o grau de funcionalidade em diversos aspectos (SILVA, 2021, p. 25).”

Duarte et al., (2005, p.8) nos direciona a compreender o quão é variável para o indivíduo estar “englobado junto as diversidades culturais e micro-culturais dos espaços da cidade”, apontando que a via que permite tal compreensão está na dinâmica da experiência<sup>7</sup> com o lugar. Na concepção de Boutinet (2003, p.174), “o espaço da experiência antecede e segue o espaço arquitetônico; ele é sua origem e destino”.

Com base nos três conceitos adotados na pesquisa e apresentados nesta introdução, surgiram questionamentos a respeito do comércio informal que serão respondidas ao longo desta dissertação.

## **PERGUNTAS DE PESQUISA**

- Como se deu a construção da informalidade nas Ruas Conselheiro João Alfredo e Santo Antônio e de que forma isso chega até a contemporaneidade?
- De que maneira as ambiências do comércio informal são percebidas pelos agentes sociais (comerciantes formais e informais, consumidores, transeuntes e visitantes)?

## **OBJETO DE PESQUISA**

A apropriação do espaço público (rua) através do trabalho informal.

---

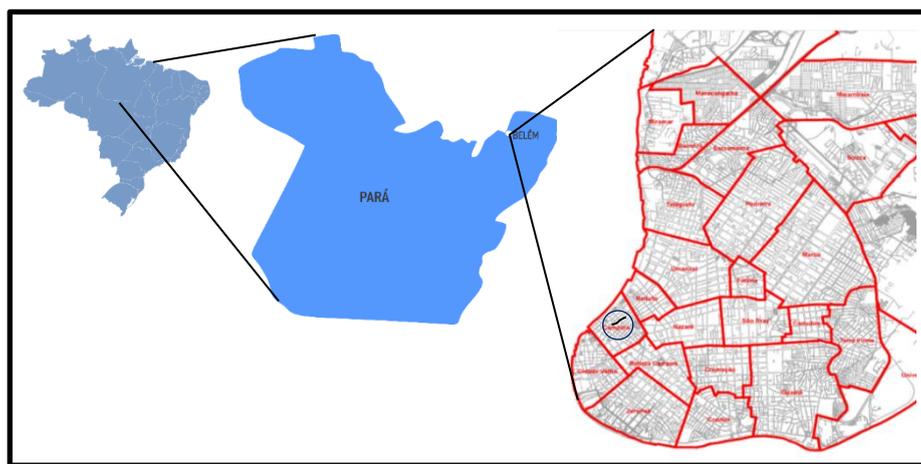
<sup>6</sup> Local onde os peixeiros descarregam sua mercadoria para venda.

<sup>7</sup> Grifo do autor. O termo experiência foi usado por ter sido assim empregado na tradução do referido livro em sua edição brasileira, na qual a expressão *espace vécu* está traduzida como “espaço da experiência” e não como “espaço vivido”.

## JUSTIFICATIVA

O interesse em investigar as Ruas Conselheiro João Alfredo e Santo Antônio, localizadas na capital do Estado do Pará, como já fora mencionado, surgiu a partir da ampliação do projeto de pesquisa apresentado à comissão de seleção do mestrado (ano 2020). Antes da avaliação do orientador Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva (LABTEC/UFPA) a pesquisa pretendia refletir acerca da materialidade do edifício Paris N'América, localizado na Rua Santo Antônio. Após uma imersão nos estudos de percepção e subjetividade em Arquitetura e Urbanismo, bem como o aflorar do desejo de trazer para o Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA uma pesquisa inédita pautada na importância dos estudos das ambiências, ou seja: na relação que o indivíduo tem com o espaço, ficou evidente que o projeto de pesquisa deveria ser ampliado e abranger a rua em sua totalidade, visando refletir sobre o comércio informal daquele lugar, constatando a importância dos estudos de antropologia urbana e da *análise etnotopográfica*<sup>8</sup>. Além disso, o desnudar de nossas “*crises de niilismo*”<sup>9</sup> é o segundo ponto da justificativa, reforçando a experiência do mundo integrada e centrada no corpo, evitando o isolamento e a alienação sensorial e mental. E por fim, justificamos a pesquisa através de uma necessária reflexão sobre a diversidade de meios secretos pelos quais a Arquitetura está vinculada à realidade cultural e mental dos indivíduos e do lugar.

O Mapa 01 apresenta em destaque (círculo) o local e o recorte da pesquisa.



**Mapa 01:** Localização Geral.

**Fonte:** Autor (2022) com base na cartografia do IBGE 2009 e no mapa geral de bairros da Companhia de Desenvolvimento e Administração da Prefeitura de Belém (CODEM, 2014).

<sup>8</sup> A análise etnotopográfica está relacionada a uma aplicação de estudos de um grupo sócio-cultural em um determinado lugar, com base e suporte no espaço em si (DUARTE et al., 2005, p.3).

<sup>9</sup> O termo refere-se ao “olhar niilista” de Juhani Pallasmaa em “Os olhos da pele” (2011, p. 21), onde o autor apresenta a expressão como sendo uma visão isolada, separada das sensações e concepções.

Ademais, a importância cultural na Carta de Burra (1980) é definida como um termo que caracteriza o valor estético, histórico, científico ou social de um bem para todas as gerações. Ouvir as narrativas é, portanto, importante para observar os costumes das ruas e a organização territorial fornecida pelos comerciantes informais, capturando esses valores atribuídos ao lugar, e assim, salvaguardar as culturas materiais e também intangíveis.



**Mapa 02:** Localização das ruas pesquisadas

As Ruas Conselheiro João **Fonte:** Autor (2022), com base na cartografia do IBGE (2009).

Alfredo e Santo Antônio, em Belém do Pará, são conhecidas por serem um espaço onde se constata relações intersubjetivas no mercado informal que ali existe há muitos anos. Observa-se então a existência de tentativas de transformação dessas ruas sem que haja reflexão das práticas populares e a mutação que acontece na mesma, ou seja: é necessário interpretar o micro urbanismo existente nas ruas, assim como perceber além da aparente desordem, compreender esse espaço popular como uma “obra aberta”<sup>10</sup>. Existe um valor que não é visto, mas experienciado no relacionamento do ser humano com o lugar, onde consta a essência daquilo que chamamos de identidade.

Ao falarmos de rua, protagonismo social e relações de troca, estamos, nas palavras de Buber (2001, p.11), falando da inter-relação que “envolve o diálogo, o encontro e a responsabilidade entre dois sujeitos ou sobre a relação que existe entre o sujeito e o objeto”. Isso é claramente humanizar a arquitetura. É trazer à luz aquilo que está escondido, imerso nas relações espaciais (AGUIAR, 2007), pois “as performances sociais desses lugares encenam histórias poderosas – míticas e também de senso comum – que proporcionam ao processo social uma retórica, “uma forma de enredo e um significado” (CLIFFORD, 2002, p.63).

## **METODOLOGIA UTILIZADA**

O principal objetivo da metodologia utilizada nesta pesquisa é buscar a compreensão da “visão de mundo” (GEERTZ, 2019), “através de leituras etnográficas do lugar e através de técnicas e investigação que perpassam a inicial observação participante até a aplicação direta

---

<sup>10</sup> Termo clássico dos estudos de Umberto Eco ao analisar as “formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas” (ECO, 1971).

de instrumentos de abordagem direta dos usuários” (DUARTE et al., 2005, p.2). A abordagem escolhida para a presente pesquisa foi de caráter qualitativo, em que foram refletidos os significados que o comércio informal de rua tem para a cidade de Belém através de deambulações e incursões perceptivas. Tal metodologia já é desenvolvida há muitos anos pelo LASC (Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura), e por estarmos abrindo os caminhos para o desenvolvimento do nosso próprio laboratório (LASSAM – Laboratório de Ambiências, Subjetividade e Sustentabilidade na Amazônia), nada mais justo que nos espelharmos nele, nosso “irmão mais velho”.

Estruturalmente a pesquisa atravessou os elementos básicos e primordiais da dissertação, evidenciando os conceitos que estruturaram a pesquisa, as perguntas, objetivos, metodologia e justificativa que nos levaram a chegar até a conclusão da pesquisa. Em seguida há um aprofundamento bibliográfico (proporcionado por autores que abordaram e dissertaram sobre os temas relativos ao comércio na Amazônia), favorecendo a compreensão da história da formação da cidade de Belém e de outros assuntos intimamente relacionados ao tema, para então atingir a complexa formação existente. A intenção é introduzir o leitor no histórico da rua, para depois levá-lo à prática da observação do lugar. Neste item foi realizada uma digressão à uma “gostosa” Belém de outrora ou a *Petit Paris* dos trópicos. Para fins analíticos, o período selecionado correspondente ao final do século XIX e início do século XX, onde a cidade viu florescer mudanças à lá *Hausmann*<sup>11</sup>. Apesar de não termos vivenciado esta época, percorreremos, através de fotografias e relatos da época, as atividades e o cotidiano destes lugares, alimentando e dando sentido ao que experienciaremos no capítulo seguinte. Durante este percurso foram realizadas paradas estratégicas em alguns estabelecimentos comerciais, para tomarmos um fôlego e observar, de dentro pra fora, como se davam as práticas, costumes e vivências naquele lugar. Tal conceito é defendido por Uriarte (2012, p.5) quando a mesma indica que “é necessário um mergulho na teoria, informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar”.

O “flamar”<sup>12</sup> foi utilizado como instrumento base para a observação dos elementos materiais e físicos, através da observação direta e indireta por parte do pesquisador.

“O personagem baudelairiano, o flâneur, caminha na cidade: um percurso sem compromissos, sem destino fixo. O estado de alma deste personagem-tipo é de

---

<sup>11</sup> George-Eugène Haussmann (1809-1891) foi um administrador público que remodelou a cidade de Paris, através da abertura de grandiosas avenidas, criação de praças e infraestrutura combinadas com enormes quarteirões.

<sup>12</sup> Termo abrigado concebido a partir do termo “Flâneur”, que é um título adotado pelo autor Edmund White em sua obra “Le Flâneur”. Diz respeito a quem deambula pela cidade sem compromisso aparente, mas está atento a história e aos lugares por onde passa (WHITE, 2001).

indiferença, mas seus passos traçam uma trajetória, um itinerário que concebe a cidade, o movimento urbano, a massa efêmera, o processo de civilização. Logo, está não é uma caminhada inocente. A cidade é estrutura e relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia. A cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência (ROCHA & ECKERT, 2003, p. 1).”

O intuito deste item é expor uma inquietação com a relação entre a **qualidade do lugar**<sup>13</sup> e a forma de admirar<sup>14</sup>, “ancorado em uma investigação empírica”, como no diz Melo (2021, p.3). A interdisciplinaridade é outro ponto chave para o entendimento do diverso e complexo estudo a ser interpretado pelo pesquisador.

“(…) a observação das práticas cotidianas tem se mostrado uma rica fonte de informação para o aprofundamento do estudo das próprias ambiências, que por sua vez, tem se afirmado como prática cada vez mais necessária para uma adequada composição projetual em Arquitetura e Urbanismo (DUARTE & PINHEIRO, 2013, p. 19).”

Em conjunto a isso, houve o fluir do sentir e do perceber, o que Almeida *apud*. Duarte e Pinheiro (2019, p. 65) denomina “imersão experiencial”. Em cada imersão foi produzido relatos e detalhamentos, o que Geertz (2019) qualifica como “descrição densa”, combinada à Etnografia, utilizada como amparo para a compreensão da percepção do lugar, através de uma observação atenta e vocacionada<sup>15</sup>, o que podemos chamar de *savoir-faire*.<sup>16</sup> Rocha e Eckert (2013) nos apresentam a **etnografia de rua**<sup>17</sup> como propósito de traduzir a atmosfera experienciada pelo pesquisador, cujo objetivo central foi o de apreciar todas as situações do dia a dia, até aquelas consideradas sem importância, mas que fazem toda a diferença nas análises críticas do lugar. Porém, apesar de constar como metodologia desta presente pesquisa, é necessário explicitar que “praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante (GEERTZ, 2019, p. 4).

“A pesquisa etnográfica constitui-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir). Impõe ao pesquisador um deslocamento de sua própria cultura para situar no interior do fenômeno por ele observado através da sua participação

---

<sup>13</sup> Lugares de informação, experimentação e interação, cujos limites físicos podem se diluir ou se tornar imperceptíveis (RHEINGANTZ et al., 2012, p.23).

<sup>14</sup> Admirar, em sua acepção essencial, exprime um modo de ver. A visão da admiração, visão admiradora, é visão investigadora dos próprios limites. Admirar é fazer uma experiência de mundo motivada por certo estranhamento daquilo que está e sempre esteve aí. O estranhamento, que provoca a admiração frente às exigências da razão, suscita interrogações que mobilizam o pensar. A admiração exprime um modo de ver cuja especificidade é a tendência de prosseguir vendo (SCHUBACK, 1997).

<sup>15</sup> É imprescindível uma vocação pelo “desenraizamento crônico”, isto é, pelo “não se sentir em casa em lugar nenhum” URIARTE, 2012, p.2).

<sup>16</sup> É a habilidade de obter êxito, graças a um comportamento maleável, enérgico e inteligente; tino, tato.

<sup>17</sup> É observar a cidade como objeto temporal, lugar de trajetos e percursos sobrepostos, urdidos numa trama de ações cotidianas (ROCHA & ECKERT, 2003, p.5).

efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se apresenta (ECKERT & ROCHA, 2004, p. 2).”

É importante ressaltar que, apesar da Etnografia fazer parte de um vasto campo de estudos, dentre eles o da Antropologia, nesta pesquisa, optou-se pelo não uso de questionários uniformes e posicionamentos pré-definidos, já que “a realidade sempre surpreenderá o pesquisador” (URIARTE, 2012, p. 2). Chancelando tal ideia, Goldman afirma que:

“Os discursos e práticas nativos devem servir, fundamentalmente, para desestabilizar nosso pensamento e, eventualmente, também nossos sentimentos. Desestabilização que incide sobre nossas formas dominantes de pensar, permitindo, ao mesmo tempo, novas conexões com as forças minoritárias que populam em nós mesmos (GOLDMAN, 2008, p. 7).”

Após tal prática, foram selecionadas pessoas que transitam diariamente no objeto deste estudo, tais como: compradores, visitantes e mercadores, para entrevistas não-diretas com o intuito de entender a relação entre estes e o lugar, doutrina defendida por Marc Augé (2010). Vale ressaltar que neste processo, as observações não-participantes no interior e entorno do local de estudo também foram utilizadas para apreensão de dados durante a percepção do lugar. Este método, para Thibaud (2003, p.128) é “considerado aberto, no sentido de que oferece margem para inúmeras variações e investigações”.

Ao mesmo tempo em que todas essas metodologias foram aplicadas, foi usada a Etnotopografia como princípio norteador para captação das ambiências das ruas. Ela nos permite “apreender usos, valores e significados dentro de uma sociedade (DUARTE e PINHEIRO, 2019, p. 137). “A Etnotopografia se diferencia da Etnografia justamente pela aplicação de estudos em um grupo em um determinado lugar, utilizando resultados visuais passíveis de interpretação” (MELO, 2019, p.2). Ela provoca em nós uma sensibilidade e um olhar apurado para as coisas, sendo este olhar capaz de evocar no indivíduo memórias, lembranças, estranhamento e/ou reconhecimento. Através desta análise, construímos um percurso juntamente com pessoas que utilizam as ruas aqui pesquisadas, a fim de conceber um mapa sensível de ambiências, ideia já experimentada no próprio LASC junto de pessoas com deficiência. Finalizamos a dissertação com reflexões e interpretações acerca das ambiências experienciadas pelos indivíduos com o objetivo de expor uma observação do espaço comercial de rua, traduzindo os afetos, valores e significados ali existentes, o que Duarte *et al.*, (2017) compreende como “materialização das culturas, subjetividades e projetos de vida”, o que torna tal compreensão apropriada para o entendimento da configuração imaterial e subjetiva do comércio informal nas Ruas Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo.

## **OBJETIVOS**

**Geral:** Refletir sobre como a atividade dos trabalhadores informais está inserida na rua e como se relaciona com este espaço público, ressaltando a influência mútua entre o ambiente construído e seus usuários.

### **Específicos:**

- Favorecer uma análise sobre as práticas dos protagonistas do comércio de rua, enriquecendo a interpretação que os mesmos tem perante a sociedade;
- Produzir a etnotopografia das ambiências experienciadas pelo pesquisador e também pelos protagonistas sociais, com o intuito de contribuir para com o entendimento da subjetividade da arquitetura;
- Auxiliar na compreensão da ambiência enquanto propulsora dos deslocamentos e afetos pelo público.

## **CAPÍTULO II**

*Je revois la ville en fête et en délire  
Suffoquant sous le soleil et sous la joie  
Et j'entends dans la musique les cris, les rires  
Qui éclatent et rebondissent autour de moi  
Et perdue parmi ces gens qui me bousculent  
Étourdie, désemparée, je reste là  
Quand soudain, je me retourne, il se recule,  
Et la foule vient me jeter entre ses bras...*

*Emportés par la foule qui nous traîne  
Nous entraîne  
Écrasés l'un contre l'autre  
Nous ne formons qu'un seul corps  
Et le flot sans effort  
Nous pousse, enchaînés l'un et l'autre  
Et nous laisse tous deux  
Épanouis, enivrés et heureux.*

*Entraînés par la foule qui s'élançe  
Et qui danse  
Une folle farandole  
Nos deux mains restent soudées  
Et parfois soulevés  
Nos deux corps enlacés s'envolent  
Et retombent tous deux  
Épanouis, enivrés et heureux...*

*Et la joie éclaboussée par son sourire  
Me transperce et rejaillit au fond de moi  
Mais soudain je pousse un cri parmi les rires  
Quand la foule vient l'arracher d'entre mes bras...*

*Emportés par la foule qui nous traîne  
Nous entraîne  
Nous éloigne l'un de l'autre  
Je lutte et je me débats  
Mais le son de ma voix  
S'étouffe dans les rires des autres  
Et je crie de douleur, de fureur et de rage  
Et je pleure...*

**(La Foule – Edith Piaf)**

O segundo capítulo desta dissertação inicia embalado pela marcante e doce voz de Edith Piaf, que nos transportará para a Paris dos Trópicos: a Belém da Belle-Époque!

Escolher iniciar os capítulos com música foi uma opção pessoal do autor, com o simples desejo de seduzir o leitor pelo sentido da audição. Tal como filmes e novelas possuem músicas marcantes que nos remetem à determinados personagens, esta dissertação deseja ficar marcada pelas vozes escolhidas para serem “abertura” de cada capítulo.

“*La Foule*<sup>18</sup>” (canção de Edith Piaf) talvez seja a tradução mais próxima do que foi vivido e experienciado na cidade de Belém no final do século XIX e início do século XX. A multidão delirando numa cidade em festa e que, depois se empurra e se esmaga a disputa de espaço, demonstra o que contaremos nas páginas seguintes. Além desta, que “*Padam Padam*”, “*Non, je ne regrette rien*” e “*La Vie en Rose*”, da mesma forma que “Brasil” cantada por Gal Costa nos lembra de *Odete Roitman*<sup>19</sup> e “Dona” (Roupa Nova) nos recorda da inesquecível *Viúva Porcina*<sup>20</sup>, permita que a cada vez que ouças uma das músicas selecionadas desta pesquisa, te lembres com regalo do que aqui foi mostrado e que por ti foi avaliado.

---

<sup>18</sup> Canção francesa que significa “A multidão”. Retrata uma cidade festiva e delirante, onde pessoas extasiadas dançam, se esbarram e se empurram.

<sup>19</sup> Personagem fictício da teledramaturgia brasileira. Foi representada pela atriz Beatriz Segall (1926-2018) na novela “Vale Tudo”, exibida originalmente em 1988 pela Rede Globo no horário das 20h.

<sup>20</sup> Personagem fictício da teledramaturgia brasileira. Foi representada pela atriz Regina Duarte na novela “Roque Santeiro”, exibida originalmente em 1985 pela Rede Globo no horário das 20h.

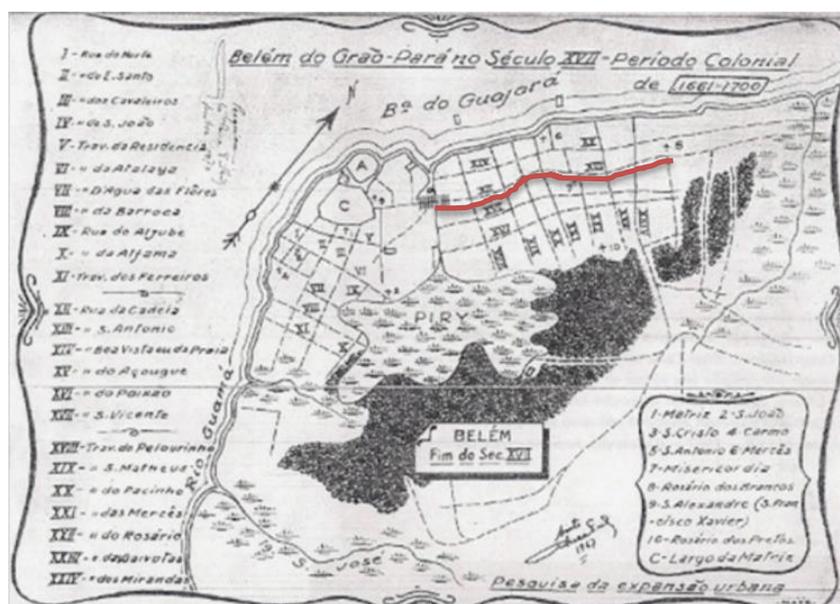
## FRAGMENTOS DA BELÉM DE OUTRORA: RECONHECIMENTO DO CONTRIBUTO DAS GERAÇÕES ANTERIORES.

### RUAS, PRÉDIOS E PESSOAS

“Encontrar seu caminho numa cidade é fácil; perder-se exige toda uma educação.” - Walter Benjamin

O presente item tem como objetivo mostrar como o comércio informal de rua existia lá no final do século XIX e início do século XX. Período este que foi muito citado durante o processo Pré-Dissertativo como sendo preferível e lembrado com discreto saudosismo pelos entrevistados, apesar de não terem vivido o mesmo. A intenção aqui não é eleger o melhor período, longe disso! Cabe a este item desvendar à qual situação política, econômica e social está atrelada o grande “boom” da informalidade no centro comercial de Belém.

A história da Rua Conselheiro João Alfredo teve início no século XVII, quando a cidade de Belém possuía dois núcleos urbanos inicialmente distintos denominados Cidade e Campina. Em 1727, foi fundada a freguesia da Campina e em torno dela se estabeleceu o comércio da cidade, o qual se transformou na Rua dos Mercadores; posteriormente Rua da Cadeia (pois era naquela área que se localizava a única cadeia da cidade no período) e, mais tarde, a atual Rua Conselheiro João Alfredo (IBGE, 2017).



#### LEGENDA

— Rua de Santo Antônio e Rua da Cadeia.

**Mapa 03** - Croqui do início do processo de ocupação da cidade de Belém, com espacialização das primeiras ruas (números romanos) e igrejas (números arábicos), tendo o alagado do Piry como um de seus primeiros “obstáculos” naturais à expansão urbana.

**Fonte:** Meira Filho (1976).

Santos (2010) evidencia que na área do comércio, mais precisamente nas proximidades do Largo das Mercês, as duas ruas, Mercadores (atual Conselheiro João Alfredo) e Santo de Antônio (posteriormente foi retirada a preposição), se encontravam e formavam uma das principais vias de moda da cidade à época, e que guardam um importante acervo histórico do progresso político e econômico da metrópole da borracha, o que Frehse (2005, p. 16) chama de “mundo do *trottoir*”. Era ali que se situavam as principais lojas de roupas, confecções e objetos da moda. Ou seja, caminhar por essas duas ruas era supor caminhar pelo que se queria fazer crer no comércio local que existia de luxo, de glamour e de chique dentre as novidades vindas da Europa, mais precisamente de Paris. A respeito disso, Penteado (1968, p. 123) cita que: “suas lojas, graças ao sortimento variado de mercadorias, eram verdadeiros magazines, o que, por certo, atendia às necessidades não só de Belém, mas de toda a Amazônia”.



**Foto 01** – Anúncio do Armazém Leão da América.

**Fonte:** Diário de Notícias, publicado em 27 de outubro de 1897 (TESE DE DOUTORADO DE LUIZ CESAR SILVA SANTOS, 2010).

Pinheiro (*apud.* Porto *et al* 2007 p.01) nos informa que a cidade de Paris, concebida de acordo com os planos do Barão George Haussmann, foi modelo para a reformulação de diversas cidades no mundo, entre elas algumas cidades brasileiras como Rio de Janeiro e Belém. Sarges (2002) afirma que tal reestruturação transformou por completo os costumes e a vida da sociedade belenense, onde se viu a modificação dos espaços urbanos e sua reestruturação, assim como do próprio jeito de se vestir e de se comportar. A rua passou a ser o lugar onde a elite circulava e exibia seu poder e riquezas, e foi esta mesma elite, composta por seringalistas, financistas e comerciantes que, capitaneadas por Antônio Lemos, em nome do progresso,

norteou a remodelação da cidade. Toda essa efervescência urbana do comércio da cidade deu à fisionomia da Belém desse período um ar de modernidade bem ao estilo dos governantes da época, que sonhavam transformar a cidade em uma “Paris dos Trópicos”. Castro (2010) nos informa que durante o período que vai de 1860 a 1920, a cidade de Belém viu sua população crescer em 1.200%, com uma intensa imigração européia, mas também nordestina e do próprio interior do Estado. Porém, com a produção de borracha no oriente, em 1912 Belém viu o prenúncio do fim de uma era, que Castro (p.13) chama de “temporalidade mitificada”.

“Na noite de 28 de agosto de 1912, a cidade de Belém do Grão Pará foi tomada por uma série de acontecimentos surpreendentes. A memória oral situa naquela noite uma chuva de proporções tão gigantescas, que, conta-se, chegou a destruir a todos os vitrais da loja Torre de Malakof. Daquela noite lembra-se, ainda, que a cidade foi invadida por um odor profundo de gerânios, que a alguns lembrou o dor de cadáveres insepultos e suscitou a hipótese de a chuva haver alagado o cemitério da Soledade, no centro da cidade, e ter trazido os mortos à superfície da terra. Por sinal, foi também a noite de uma festa familiar na qual se viu surgirem, de dentro de paredes brancas, dois fantasmas, como me foi contado, que prenunciaram vários desassossegos. E ainda, por fim, foi a noite em que o líder oposicionista, o ex-governador Lauro Sodré, sofreu um atentado, enquanto se dirigia em seu coche para assistir a uma récita lírica no Theatro de Nossa Senhora da Paz.

O autor desse atentado foi identificado como sendo um elemento da guarda pessoal do senador Antônio José de Lemos, o político de maior prestígio na Amazônia de então. A cidade dormiu pouco, e no dia 29 de agosto de 1912, foi às ruas para ler os jornais e ouvir as discussões a respeito do atentado (...) A crise política, no entanto, parecia ser um sucedâneo de crises privadas. Na manhã do mesmo dia, uma multidão formada por comerciantes e investidores em crise protestou e incendiou a residência de Lemos. (CASTRO, 2010, p. 15).”

Nota-se que, diante dos relatos, é perceptível o alto grau de insatisfação que o fim do opulento período causou entre os seus mais altos afortunados. O que não teria acontecido, então, com os menos abastados? Lacerda e Sarges (2009) nos respondem tal indagação no artigo intitulado “*De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX*”, onde as autoras relatam as barbáries sofridas por aqueles que “improvisavam a própria subsistência”. De multas à penas e afastamento social, de tudo era sofrido pelos menos favorecidos. A criação do Asilo da Mendicidade foi mais uma das atitudes de Lemos para se livrar de “falsos mendigos”, já que a pobreza difundia uma “sombra inexorável sobre a cidade iluminada”. A Belém de Lemos viu surgir dezenas de novos comerciantes informais à medida que os estabelecimentos iam “quebrando”. Mas isso não ocorreu da noite para o dia. Os imigrantes que chegavam sem paradeiro e não conseguiam se inserir no mercado no fausto período, juntamente com aqueles que perderam seus trabalhos com a crise econômica, ambos encontraram nas ruas o lugar de onde tirar o seu sustento. A diferença está justamente no produto que o ambulante vendia. Se hoje encontramos eletrônicos, roupas, brinquedos e

calçados, a Belém de outrora tinha as vendedoras de ervas, a mingauzeira, o pupunheiro, a carroça de leite, o fruteiro, o tapioqueiro e o paçoqueiro. É nítida a diferença entre o que é ser ambulante NAQUELA Belém e o que é ser informal na NOSSA contemporaneidade.

Distante do período referido, agora veremos, na análise do economista Arandía (1991), como a informalidade mais uma vez ganhou protagonistas durante um cenário econômico em crise: no período do governo Collor<sup>21</sup>. Preços elevados, inflação nas alturas e uma economia bastante recessiva tomava conta do país. Paralelamente a isso, houve uma redução dos postos de trabalho, mudança de salários e, evidentemente, aumento dos níveis de desemprego (p. 132-133). Mais uma vez, o comércio informal viu seus números aumentarem, porém, desta vez, o cidadão tinha como produtos a oferecer, aquilo que ele adquiria em viagens ao Paraguai ou que era importado da China (não muito diferente dos tempos atuais). Aqui já vemos que o nosso protagonista informal não é mais um ambulante ou camelô, pois já ocupa uma área e uma posição na rua. Ele passa a ter um sindicato e uma inscrição na Associação dos Ambulantes do Centro Comercial de Belém desde 1992, porém permanecem invisibilizados quanto a direitos trabalhistas, saúde e segurança.

Ainda poderíamos discorrer bastante sobre os cenários econômicos do país e a influência sob o comércio. No entanto, nas palavras de Lacerda e Sarges (2009, p.181) “na medida em que a cidade vai se modificando pela força dos agentes da civilização, novas instituições e mecanismos de controle vão sendo criados, outros sujeitos entram em cena e novas histórias vão sendo contadas”.

Finalizado o item, embarcaremos no próximo tópico numa viagem iconográfica no século XX, desvendando entre fotografias e ilustrações, como era flunar pelas Ruas Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo.

---

<sup>21</sup> Fernando Collor de Mello foi Presidente do Brasil entre 1990 e 1992. Sofreu impeachment por crimes de responsabilidade. Fonte: <https://www.tse.jus.br/jurisprudencia/julgados-historicos/collor>  
Acessado em: 01/05/2022

## IMAGENS QUE EVOCAM MEMÓRIAS

“Imagens são testemunhas mudas. Assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante de evidência histórica.”<sup>22</sup>

Peter Burke

### O Interesse Pelas Fontes Visuais

Meneses (2003) declara que vivemos, no dia a dia, com diversos tamanhos, usos e funções da imagem. Usá-la como fonte de informação é apenas uma entre muitas práticas (incluindo o uso simultâneo com outras aplicações). Portanto, a mesma imagem pode ser reciclada, desempenhar vários papéis e produzir diferentes efeitos. Este conhecimento conduzirá ao estabelecimento de uma base teórica, que apoiará a utilização de imagens fotográficas a serem estudadas como indícios históricos no passado, para que possam ser realizadas explorações relevantes do seu conteúdo informativo.

Voltando no tempo, à época do Renascimento, foi o humanismo que estimulou os historiadores a se interessarem pelo estudo dos vestígios da Antiguidade (estátuas, arcos do triunfo, moedas, cerâmicas e outros objetos descobertos em escavações), onde as pesquisas buscavam confrontar textos e imagens. No entanto, essa abordagem não obteve muitos seguidores, e a fonte escrita acabou levando a melhor, colocando a imagem em segundo plano, onde “nos tornamos os herdeiros do estudo de documentos textuais”. Como resultado, o uso de fotos em trabalhos científicos foi sendo relacionado à função de ilustração (CADIOU *et al.*, 2007).

No início do século XX, a história produzida na Europa, naquela época, contava com documentos oficiais ou leis para contar acontecimentos específicos, resultando em uma história de patriotismo, elitismo e hegemonismo, relatando acontecimentos militares ou diplomáticos. Essas histórias foram explicadas e conectadas com a história geral, onde o conceito de documento histórico ainda está ligado ao esclarecimento de grandes feitos. Foi nesse âmbito que, entre 1920 e 1933, dois professores de história da Universidade de Estrasburgo discutiram a essência da história (BURKE, 1997, p.27). As ideias decorrentes dessas discussões aproximam a história das ciências sociais. Por sua vez, essa proximidade trouxe perspectivas interdisciplinares para a história, acompanhando os temas únicos, não repetíveis e lineares aludidos pela história tradicional (REIS, 2000, p.15). Surgia assim, então, o *Movimento dos Annales*<sup>23</sup>, propondo uma nova forma de olhar o mundo e abordar a história. No que diz respeito

---

<sup>22</sup> BURKE, 2017, p.18.

<sup>23</sup> Renovação da historiografia francesa. Foi fundada a partir do lançamento da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale* por Marc Bloch e Lucien Febvre.

à fotografia urbana, veio a dividir espaços com vários outros documentos históricos, contribuindo para a história urbana, restauro físico de edifícios históricos e/ou restauro de áreas urbanas degradadas (AZEVEDO e MOURA FILHO, 2009).

Ao se aproximar do campo visual, o historiador quase sempre retém imagens e apenas as converte em fontes de informação. Portanto, recomenda-se começar pela percepção do potencial cognitivo das imagens para compreender não apenas a história, mas também outras ciências sociais e como as imagens eram exploradas na vida social tradicional da sociedade ocidental antes disso. A primeira área do conhecimento a reconhecer sistematicamente o potencial cognitivo das imagens visuais é a história da arte, que se consolidou no século XVIII.

Hoje em dia, a utilização de imagens não serve apenas como veículo de geração de história, mas também visa esclarecer que sua própria historicidade é um fato atual na história da arte, embora não seja dominante. Depois da história da arte, é na antropologia e nas ciências sociais que a importância, especialmente dos registros visuais, ganhará destaque (MENESES, 2003). Candau (2021) nos orienta a olhar para a memória como uma ilusão, já que a mesma manifesta em nós a ideia de que “o que passou não está definitivamente inacessível”, pois pode renascer graças às lembranças, possibilitando juntar pedaços do passado para encarar o presente. Por sua vez, Duarte et al.,(2005, p. 5) nos mostra que:

“Todo espaço conta sua história e, de certa forma, as pessoas encontram no lugares os fragmentos de que necessitam para construir suas próprias histórias individuais e coletivas. Dessa forma, podemos afirmar que a memória é o cimento de construção para a identidade dos grupos sócio-culturais e vice-versa.”

### **O nascer da fotografia e o alargamento do conceito de documento**

Surgida na década de 1830, a fotografia atravessou o século XIX, coexistiu com a visão positivista do conhecimento e foi usada pela ideologia dominante como uma prova de valor indiscutível da verdade factual - este é o mito da "verdade fotográfica", como coloca Philippe Dubois (1992, p.07), no primeiro capítulo de seu livro O Ato Fotográfico.

A partir de 1851, o comitê histórico responsável pelo patrimônio histórico da França contratou fotógrafos para registrar seus edifícios mais emblemáticos. Em consideração à necessidade de obter mais informações sobre as obras históricas, a comissão determinou para os fotógrafos o que deveria constar nas imagens: ângulos frontais, falta de elementos modernos, a escolha de vistas que sejam favoráveis à estética ou que possam reduzir a distorção (O'NEILL, 2007). Esta situação mostra que nos anos anteriores à proposta de *École des Annales*, a fotografia já era considerada um registo da história da cidade, contribuindo assim com o esclarecimento e no complemento das características históricas de um determinado objeto, “que

por sua vez, constitui o monumento” (WAISMAN, 2013). Ou seja: através da narrativa de Marina Waisman é possível afirmar que a fotografia é um documento.

Sontag (2004) argumenta que a industrialização de tecnologia das câmeras acabou democratizando seu uso e permitindo que vários assuntos fossem registrados por meio de imagens: “Foi apenas com a industrialização que a fotografia adquiriu a merecida reputação de arte” (p.18). E é, exatamente por isso, que o caminho para a sua caracterização requer também uma consciência de que ela não é a realidade histórica em si – a fotografia traz porções da realidade, como muito bem destaca Paiva (2002, p.19), apresentando traços, aspectos, símbolos, representações, dimensões ocultas, perspectivas, cores e formas.

Em função do fato de que “[...] a fotografia se desenvolvia para celebrar, e reafirmar simbolicamente, a continuidade ameaçada [...]” (SONTAG, 2004, p.19), atuando como documento, como indício ou como resíduo daquilo que, por vezes, não ficou, atualmente, é plenamente aceito entre os arquitetos que ela se constitui num documento privilegiado para os estudos de arquitetura e do meio urbano. Tal importância ganha especial destaque quando se trata de intervenções em áreas históricas e até mesmo em edificações e ajudando a construir memórias urbanas, principalmente em cidades que sofreram alterações morfológicas. A fotografia, portanto, foi se firmando como documento dentro de um contexto ao qual Jacques Le Goff (2003, p.531) se refere como revolução documental. A ampliação do conteúdo do documento ampliou o interesse das pessoas pela história, que não são mais o suporte dos grandes acontecimentos humanos, mas o suporte da memória coletiva.

Enquanto documento, as fotografias “são especialmente valiosas, como evidência da cultura material do passado, pois as imagens revelam ou implicam a respeito de ideias, atitudes e mentalidades em diferentes períodos” (BURKE, 2017, p. 123). Estas imagens são muito importantes para a “reconstrução da cultura cotidiana das pessoas comuns, do seu estilo de vida” e do vestuário (RIBEIRO, 2019). Além disso, é importante visualizar a “paisagem” da cidade, pois quando as cenas, traços e vestígios desapareceram, é o documento que vai sobreviver.

De forma muito especial, foi na cidade do século XIX e no alvorecer do século XX que a fotografia se tornou uma aliada da arquitetura, permitindo-lhe registrar - ruas, praças e edifícios únicos, bem como casas simples e construções, documentando e perpetuando a paisagem urbana que se torna histórica.

## A importância dos retratos antigos no resgate da memória

**“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória, não existimos. Sem responsabilidade, talvez não mereçamos existir.”<sup>24</sup>**

**José Saramago**

Em seu livro “Escavar e Lembrar”, o autor Walter Benjamin nos diz que a memória não é um instrumento, mas sim um meio para a exploração do passado. Sendo assim, decodificamos que nós, pesquisadores, assumimos o comportamento de “escavadores” de memória, já que buscamos nos aproximar de um passado que muitas vezes está soterrado, onde é primordial “saber como enterrar a pá com cuidado e explorá-la no reino da terra escura” (BENJAMIN, 1987, p.239). Evocar memórias, neste sentido, significa recuperar aquilo que está em nós e não nos objetos (PINHEIRO, 2021). Apesar disto, a fotografia aparece como sendo o material que vai resgatar o imaterial, o subjetivo que está guardado em nós.

O surgimento da fotografia aumentou a possibilidade das pessoas capturarem o tempo que viveram e experienciaram, e trazer à superfície os fragmentos do mundo e do microcosmo daquela realidade. Para Heidegger (1977), “o evento fundamental da era moderna é justamente a conquista do mundo com a fotografia” (p.134).

“Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se em uma certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento – e por conseguinte com o poder. (...) A fotografia brinca com a escala do mundo, pode ser reduzida, ampliada, cortada, recortada, consertada e distorcida. Envelhece ao ser infestada pelas doenças comuns aos objetos feitos de papel; desaparece; valoriza-se, é comprada e vendida; é reproduzida (SONTAG, 1981, p. 04).”

A exemplo de outras cidades brasileiras, Belém, também possui imagens fotográficas dos mais variados períodos, em particular no período da Belle-Époque. O conjunto dessas imagens, mostra além da paisagem urbana, muitos detalhes que permitem ao autor analisá-los como testemunho das modificações físicas, sociais e econômicas ocorridas nas ruas em estudo.

E na Arqueologia Sensorial, configurada para ser a plataforma a partir da qual nos conectamos com o passado e o presente, que iremos encontrar fundamentos para “refazer um passado” (Augé, 2013, p. 32-33). Essa conexão não se restringe a um vínculo verbal ou textual, mas dá-se por meio da emoção, da sensação e pela “leitura não-verbal” (FERRARA, 2000).

Veremos em breve, como uma fotografia pode nos interligar ao passado por meio da análise dos sentidos captados na imagem. Isso é Arqueologia Sensorial. É “entender como tais

---

<sup>24</sup> SARAMAGO, 1995, p.63.

sentidos estruturaram uma realidade” (PELLINI, 2016).

Ao observarmos as fotografias, confirmamos a ideia defendida por Leite (2000, p.129) que nos fala que, “a performance da imagem na memória permite que ela revele outras tramas esquecidas e imagens cujo significado muda com o tempo”. Assim sendo, discutida a importância da fotografia como documento, a próxima etapa consiste da análise dos documentos fotográficos da Rua Conselheiro João Alfredo, produzidos principalmente durante a Belle-Èpoque, mostrando a fotografia como elemento importante no resgate da memória em um momento em que se buscam novas abordagens na construção de entendimentos antropológicos da rua.

### **Análise dos documentos fotográficos**

“Os retratos registram, não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas performances”. Cabe ao pesquisador ter a preocupação de observar, nesses registros fotográficos, o que está “visível” e o que está “oculto” (BURKE, 2017, p. 18).

Utilizando como fonte primária álbuns de fotografias de famílias belenenses em conjunto com a pesquisa bibliográfica e documental, este item visa mostrar a presença de elementos, detalhes, frames e personagens nas cenas capturadas, tentando transmitir uma imagem de cidade moderna e progressista. Em seguida, é proposto um método que tenta tecer a narrativa, explicando a intenção subjacente contida nas imagens selecionadas.

No início do século XX, verificamos que a agora, chamada Rua Conselheiro João Alfredo se torna, por excelência, a rua do comércio varejista, sobretudo, com suas lojas de fazendas, armarinhos, sapatarias, etc., mas, já tendo nos altos edifícios para a época, além de residências, consultórios médicos e escritórios de advogados. Seu prolongamento, a Rua de Santo Antônio, mantinha-se com estas características acrescidas de um grande número de escritórios comerciais, de casas de exportação e confeitarias. É factível notar nas imagens os trilhos que eram percorridos pelos bondes, assim como toda a afiação que servia para sua eletrificação. É notório que as calçadas eram usadas exclusivamente pelos pedestres, havendo pouquíssimo comércio informal, o qual funcionava no formato de licenciamento e era fiscalizado pelo Código de Polícia Municipal (Foto 02). Observa-se ainda que a publicidade dos comércios era pequena e limitada aos toldos da fachada (Foto 03 e 04).

Chamo a atenção dos agentes da fiscalização em geral para o abuso que commettem ordinariamente muitos licenciados para o commercio ambulante, estacionando em diversos pontos da cidade, contra o que expressamente dispõe o Codigo de Policia Municipal.

Taes licenciados não podem parar se não durante o tempo indispensavel para o commercio que exercem. Entretanto, diversos logares da Cidade, como, notadamente, o Ver-o-Peso, Reducto, praça Republica, avenida Independencia, etc., estão convertidos em feiras permanentes, resultando d'ahi um triste espectáculo para uma Capital regularmente policiada.

O sr. Inspector geral providencie para que os guardas que fazem a fiscalização diurna e nocturna nas praças estejam vigilantes contra o estacionamento de mercadores, pois, segundo reclamações que chegam a esta Intendencia, vae se desenvolvendo, durante parte da noite, o abuso de que trata este artigo.

**Foto 02:** Recorte do “Município de Belém: relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém pelo intendente Antonio Lemos” 1908 (OBRAS RARAS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ, 2021).



**Foto 03:** Rua Cons. João Alfredo próximo a Avenida Portugal, década de 1920.

**Fonte:** Acervo de Célio Lobo.



**Foto 04:** Postal da Avenida Portugal com a Conselheiro João Alfredo, década de 1930.  
**Fonte:** Nostalgia Belém.

Na fotografia do álbum da Família Marcus e da Família Olaf Azevedo, datada do final da década de 1930 e início da década de 1940, podemos constatar que os cidadãos tinham um certo conhecimento do uso de tecidos mais apropriados ao clima da cidade, usando linho e fazendas leves com cores claras, tornando o passeio ou a compra, agradáveis. Ainda é notório que a comercialização de chapéus ditava moda no comércio, haja vista a grande variedade exposta no retrato. Outro fato que chama a atenção é do quão elegante as pessoas se vestiam para ir ao comércio: os homens todos de terno branco, lenço, gravata e chapéu; e as mulheres com vestidos abaixo dos joelhos e penteados da época (FOTO 05 e FOTO 06).



**Foto 05:** “Minha mãe andando na Rua dos Mercadores com seu pai e uma tia dela”.  
**Fonte:** Álbum da Família Marcus.



**Foto 06:** “Ele no centro comercial de Belém”.

**Fonte:** Álbum da Família Olaf Azevedo.

Entre as décadas de 1950 e 1960, a Rua Conselheiro João Alfredo ainda era considerada um espaço para se apreciar o que havia de melhor na moda tanto nas vitrines das lojas, quanto nas vestimentas de seus transeuntes. Percebemos como a linguagem ainda tinha conexão muito forte com Portugal ao lermos Pharmácia do Povo (com PH), estabelecimento que foi ocupado anos depois pelas Casa A Pernambucana, onde atualmente é a loja O Manollito. Com um olhar um pouco mais atento vemos mais ao fundo uma faixa publicitária da loja “O Círio”, especialista em velas e artigos de cera. No postal avista-se o aumento das placas publicitárias, que já aparecem nos postes. Além disso, observa-se a circulação de automóveis, além dos bondes (FOTO 07).



**Foto 07:** Postal da Rua Cons. João Alfredo esquina com a Avenida Portugal, década de 1940.

**Fonte:** Blog Fragmentos de Belém.

A seguir, chegamos na estreita e disputada esquina da Rua de Santo Antônio com a Travessa Frutuoso Guimarães, onde notamos o imponente edifício da clássica Sapataria Carrapatoso, tendo como vizinhos a Papelaria da Livraria Globo, além da Confeitaria Palace. Novamente vemos os trilhos dos bondes, calçadas estreitas e grande circulação de pedestres (FOTO 08).



**Foto 08:** Rua Cons. João Alfredo esquina com a Travessa Frutuoso Guimarães, década de 1952.  
**Fonte:** Blog Fragmentos de Belém.

Nas palavras de Harald Schultz: “*A cidade de aspecto antigo, permanece ainda, porém não mais tranqüila, e sim animada de novo ritmo de progresso*” (1964, p.19). Nos retratos abaixo vemos a Rua de Santo Antônio, com o imponente prédio da Paris N’América ao fundo, “invasa” pelos automóveis. Nas calçadas, é chegada a hora da disputa de espaço pelos pedestres com as mercadorias das lojas, que agora já são expostas nas calçadas (FOTO 09 e FOTO 10).



**Foto 09:** Rua de Santo Antônio.

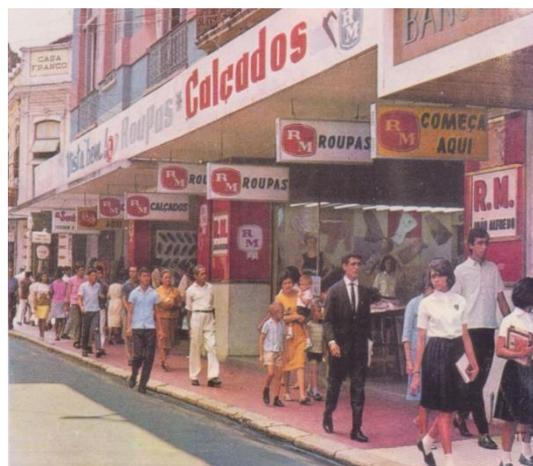
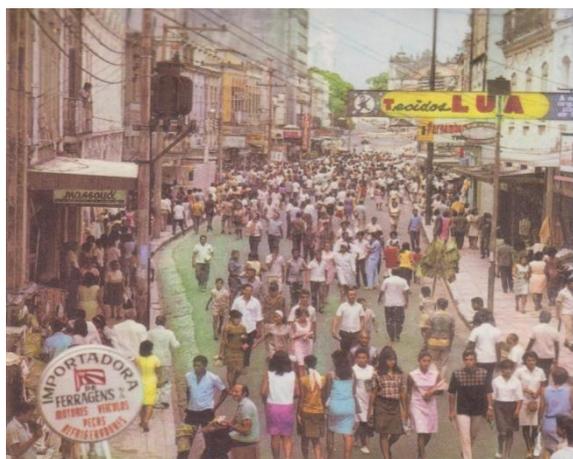
**Fonte:** Harald Schultz (1964) - Blog Fragmentos de Belém.



**Foto 10:** Casa Guerra na Rua de Santo Antônio.

**Fonte:** Acervo Bildarchiv Austria, Österreichische Nationalbibliothek.

Na década de 1970, os negócios vibrantes e luxuosos começaram a ser substituídos por comércios mais diversificados e populares, incluindo lojas de tecidos, livrarias, óticas, sapatarias, joalherias, farmácias e utensílios domésticos. Vendas de eletrodomésticos e produtos importados começam a fazer parte do cenário desta “nova” rua. A circulação de automóveis é proibida, ficando restrita a algumas ruas do entorno. A população avança então para as ruas e o comércio ganha cores com a “explosão” de elementos de propaganda. É importante notar que algumas ruas ganharam asfaltamento, encobrendo os antigos paralelepípedos e o trilho dos bondes. (FOTO 11 e FOTO 12).



**Foto 11 e Foto 12:** Rua Cons. João Alfredo.  
**Fonte:** Acervo Planeta Pará.

A década de 1980 chega transformando a Rua Conselheiro João Alfredo em um grande Shopping Center a céu aberto. Os antigos casarões são “invadidos” por lojas de importados e magazines populares. Os paralelepípedos são trazidos à tona novamente e os pedestres disputam espaço com mercadorias dos vendedores informais (FOTO 13 e FOTO 14).



**Foto 13:** Rua Cons. João Alfredo em 1989.  
**Fonte:** Tamminem Juha.



**Foto 14:** Rua de Santo Antônio em 1989.  
**Fonte:** Tamminem Juha.

O centro comercial de Belém vive atualmente um dos períodos mais críticos da sua história. O patrimônio cultural herdado, realizado na forma de incomensuráveis acervos de edificações e paisagens, vive o processo de degradação urbana, ameaçando sua própria sobrevivência. Esta situação não só põe em risco o enorme potencial turístico e econômico existente no lugar, mas também torna a verdadeira imagem de Belém marcada de forma decisiva como a relação histórica entre a cidade e a paisagem geográfica que a constitui. Na ausência de um mecanismo eficaz para o governo proteger e proteger o patrimônio histórico, a tendência assumida é a indiscriminada descaracterização dos edifícios.

O caos causado pela presença de vendedores informais nas Ruas Conselheiro João Alfredo e Santo Antônio têm contribuído para acelerar o processo contínuo de degradação urbana. As tendas ocupam o leito da rua de forma desordenada e constituem uma verdadeira “barreira” que impede a livre circulação dos pedestres. Por outro lado, devemos considerar seriamente os fatores socioeconômicos que estão na origem desse comércio informal, e devemos também perceber que esta é outra forma de privatização do espaço. As atividades comerciais dificultam as idas e vindas e a ocupação privada das ruas, reduzindo a possibilidade de uso coletivo do espaço público e criando uma inversão desvantajosa na operação urbana tradicional (FOTO 15).



**Foto 15:** Rua Conselheiro João Alfredo em 2019.  
**Fonte:** Marcelo Seabra.

A reflexão sobre a inter-relação entre fotografia e história urbana tem despertado o interesse e a curiosidade de pesquisadores em diversos campos de produção do conhecimento. A ampliação do conceito de documento dilata o escopo da pesquisa para os profissionais que se dedicam ao estudo da história. Desde então, conexões foram estabelecidas com outras áreas do conhecimento para encontrar conceitos teóricos e métodos para interpretar arquivos de imagens legíveis. A história desenvolvida a partir da fotografia rompeu com os métodos teóricos do positivismo e ampliou seus conceitos e referências técnicas para compreender as peculiaridades da linguagem fotográfica.

A Fotografia, enquanto documento, acaba preservando em si uma memória dos cenários, personagens e fatos da vida passada. Assim sendo, a análise proposta na dissertação, a partir dos documentos fotográficos produzidos na cidade de Belém, torna possível compreender e corroborar as transformações não apenas urbanas ocorridas na cidade, que até então eram utilizadas apenas como elemento ilustrativo, mas também trazer à tona personagens, histórias e memórias ainda pouco conhecidas sobre a Rua Conselheiro João Alfredo e Santo Antônio.

## **CAPÍTULO III**

*Dei um laço no espaço,  
pra pegar um pedaço,  
do universo que podemos ver.*

*Com nossos olhos nús,  
nossas lentes azuis,  
nossos computadores luz.*

*Esse laço era um verso,  
mas foi tudo perverso,  
você não se deixou ficar.*

*No meu emaranhado,  
foi parar do outro lado,  
do outro lado de lá, de lá.*

*Ei! Hoje eu mando um abraço...  
Ei! Hoje eu mando um abraço...  
Ei! Hoje eu mando um abraço...  
Ei! Hoje eu mando um abraço!*

*Um amasso, um beijaço,  
meu olhar de palhaço,  
seu orgulho tão sério.*

*Um grande estardalhaço,  
pro meu velho cansaço,  
do eterno mistério.*

*Meu destino não traço,  
não desenho, disfarço,  
o acaso é o grão-senhor.*

*Tudo que não deu certo,  
e sei que não tem conserto,  
no silêncio chorou, chorou...*

*Ei! Hoje eu mando um abraço...  
Ei! Hoje eu mando um abraço...  
Ei! Hoje eu mando um abraço...  
Ei! Hoje eu mando um abraço...*

***(Um abraço – Caetano Veloso)***

De fato, somente com um “abraço”, é que conseguimos incorporar toda a atmosfera de sentidos, afetos, valores que formam as ambiências vistas nas próximas páginas. Claro que trata-se de uma metáfora, mas é com o uso dela na música que te convido a percorrer esse pedaço de universo laçado por mim. Estar “no olho da rua”, como diz uma antiga frase, é justamente estar desprovido de qualquer filtro, assistência e garantia, porém, conectado com tudo o que ali acontece.

## **TRABALHO DE RUA: RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E INFORMALIDADE.**

### **A complexa realidade da Antropologia na cidade**

A compreensão do mundo contemporâneo sempre foi um desafio provocador para a antropologia, e a definição das divisões e a distância entre elas têm mudado a própria prática da antropologia. Michel Agier (2001) nos fala sem hesitação: “(...) não há duas antropologias, mas sim maneiras diferentes de fazer antropologia com objetos diferentes e, portanto, campos diferentes, maneiras de pesquisar diferentes” (p.192). Portanto, a antropologia da cidade pode transcender o âmbito da antropologia urbana e atingir um leque mais amplo de pensamentos antropológicos, enriquecendo o próprio sujeito na teoria e na metodologia, enredando filosofia, arte e estudos críticos da arquitetura e urbanismo (JACQUES, 2011).

Através dos estudos de Agier (2001), identificamos o desafio de pensar a antropologia na cidade a partir do espaço marginal e frágil em diferentes contextos, nas mais variadas relações, práticas e experiências que existem em uma única situação, ainda que “nem todas as formas urbanas apresentam as mesmas potencialidades relacionais, facilitando, algumas mais que outras, uma apropriação do espaço público pelos habitantes” (p.109), onde percebemos que há uma variedade de lógicas urbanas no mundo social. Quanto a isso, Magnani (2002) aponta o quanto é comum focar inicialmente apenas nos problemas urbanos enfrentados pelas cidades, deixando como segundo plano a vivência dos indivíduos. O caminho para o entendimento da complexa realidade, para o autor é “dar atenção ao grupo de atores sociais e suas práticas, junto com o local em as mesmas se desenvolvem” (p.22).

“(...) ao lidar com pessoas, é mais acessível de perceber como são elaboradas as estratégias de vida. Mesmo ao procurar padrões e regularidades, a experiência pode mostrar que, os indivíduos e subgrupos fazem leituras particulares de sua cultura em função de suas características próprias (VELHO, 2013, p.49).”

De acordo com o que fora citado por Velho, Rocha e Eckert (2013) nos advertem a estar atentos para não cometermos uma percepção superficial do que é vivenciado na cidade, perdendo as “efemeridades da vida das ruas” (p. 16). Sendo assim, é preciso estar em alerta “com as condutas e dimensões que orientam as relações interpessoais<sup>25</sup> (RAMALHO, 2013, p. 127). Pensar na Antropologia na cidade então, é a junção da subjetividade apreendida com os sujeitos, somada com o que ela pode ser aplicada de modo tangível na cidade, o que Godoy e Silva (2020, p.118) chamam de “enxergar o invisível que se pode tocar”.

---

<sup>25</sup> Moraes Filho (1983) destaca que a sociedade se constrói nas ações e reações de seus componentes em suas interações.

## O nascer da economia informal

Para Costa (2010), a informalidade decorre da noção de subdesenvolvimento, que visa explicar a situação em que os menos populares não são incluídos no processo produtivo quando os salários não são altamente generalizados.

Costa (2010) nos diz que: “o trabalho informal pode ser conceituado como o trabalho que não é restringido pela ordem jurídica nacional do trabalho, e a sociedade até estabelece sua política de seguridade social sobre ele”. Nesse sentido, a política de segurança formulada pelo Estado visa apenas aos trabalhadores oficialmente reconhecidos, o que para o autor é “cidadania regulamentada”, ou seja, aquelas adquiridas apenas por pessoas enquadradas dentro da estrutura determinada e reconhecida pelo Ministério do Trabalho. Identidade. empregos. É preciso ressaltar que a crise de desemprego que atinge o Brasil é importante para o fortalecimento da informalidade, mas não é o fator decisivo para sua existência. (JESUS, 2011).

A divisão da economia em formal e informal para Filgueiras *et al.* (2004), além de ser muito simplista, vincula o setor informal às camadas mais pobres da população, independentemente da forma de inserção dos trabalhadores na produção. Os autores destacam a possibilidade de distinguir os espaços econômicos e sociais por meio de dois critérios distintos, que deram origem a três conceitos informais distintos. O primeiro padrão distingue entre formal e informal por meio de sua lógica operacional, e o segundo padrão define a diferença entre os dois com base na legalidade e ilegalidade das atividades.

Filgueiras *et al.* (2004) chamaram a atenção para o fato de que, desde a Segunda Guerra Mundial, a informalidade no Brasil tem sido muito ativa, período que coincide com a aceleração da industrialização do Brasil. De acordo com Costa (2010), a rápida urbanização nas décadas de 1960 e 1970 não foi capaz de absorver os indivíduos que imigraram para as cidades. As atividades capitalistas se expandiram e substituíram as atividades tradicionais, mas não foram capazes de criar empregos na mesma proporção em que foram destruídas ou socialmente necessárias. Esse processo levou à criação de novas formas de trabalho informal e ao próprio desemprego. Embora de acordo com Krein e Proni (2010), o termo “economia informal” seja uma referência desenvolvida pela OIT, mas que não tem sido amplamente utilizado no Brasil. Assim, para o autor, continuará a existir o termo informalidade, que é o mais utilizado no debate nacional. Nesse sentido, uma das conclusões a que se chega é que a principal característica da informalidade é que a inserção no mercado de trabalho é perigosa, o que se deve principalmente à falta ou risco das legislações trabalhistas e sociais.

Em Belém do Pará, os personagens da informalidade se mantêm no centro histórico até os dias atuais. Eles são protagonistas de uma das maiores adversidades que a gestões anteriores

da prefeitura tentam solucionar, uma vez que, a informalidade gera desconforto não somente nos donos de estabelecimentos comerciais do centro histórico, mas também é carregada de uma necessidade de reestruturação e revitalização do espaço urbano.

### **Que espaço é esse?**

Segundo Santos (1985), o espaço pode ser entendido como um fator evolutivo social que contém e é abarcado por outras instâncias. Portanto, a essência do espaço é social, não é composta apenas pela paisagem (estrutura geográfica), mas também por sua interação com a sociedade. Para Lefebvre (2000), o espaço não é um lugar passivo, porque no espaço as forças das relações sociais se opõem e a hegemonia de classe se sobrepõe a toda a sociedade. Para o autor, o espaço é antes de tudo um produto social, com características próprias de cada sociedade. Inclui as relações sociais organizadas de acordo com a divisão do trabalho, adequada à reprodução social, e os locais de relações de produção que produzem. A situação de produção e reprodução não pode ser separada porque a divisão do trabalho afeta a família e a sociedade, ao contrário, as organizações sociais interferem na divisão do trabalho. Esse espaço contém representações de interferência entre as relações sociais (produção e reprodução), o que o torna mais complicado.

Para Bachelard (1998), o espaço “é o local povoado de afinidades, habitado por intimidades, desejos, medos e sonhos”. Ou seja: é subjetivo, povoado por memórias, emoções e recordações. Nada mais legítimo deste espaço ser o centro da cidade. Para Santos (2008), “o centro” possui uma paisagem arquitetônica e cultural mais completa, que constitui o principal polo da cidade, e muitos serviços e negócios estão concentrados em países subdesenvolvidos. Monopoliza todas as funções mais importantes da cidade. Muitos autores acreditam que à medida que ocorre o desenvolvimento urbano e novos centros são formados ou estabelecidos, os centros antigos ou tradicionais (centros que na verdade se formam com as cidades) se tornarão vazios ou sem importância.

A concentração de vários usos e serviços no centro torna-o um local muito atrativo e de fácil acesso que pode despertar o sentimento de pertença a quem o visita todos os dias. Portanto, costuma ser o local mais favorável para a comunicação na cidade, como a comunicação econômica, social e emocional. A relação expressa pelo centro será afetada pela maneira como todas as pessoas que frequentemente usam o espaço percebem e vivem no espaço e influenciam umas às outras. Ter em mente a importância da força gerada por este lugar é muito importante para entendermos a sua utilização pelos Trabalhadores de Rua. Para Tuan (1983):

“(…) espaços transformam-se em lugares quando permitem que a pessoa desenvolva afetividade em relação a este local e isso só é possível através da experiência do espaço.”

O espaço público para Lefebvre (2000) é essencialmente um espaço social, que contém as manifestações das relações de classe estabelecidas pelo modo de produção atual. Da mesma forma, para Serpa (2007), que ao analisar o espaço público, vê a necessidade de ter em mente que forma e conteúdo são indissociáveis, e sua compreensão permeia todos os aspectos do “concreto” da esfera pública urbana.

Low (2003) nos indica que “espaços públicos devem ser entendidos com um processo no qual existe um alto grau de conflito(…) Esses espaços são de importância vital para a reestruturação das cidades”. Quanto a isso, Jacobs (2011) também destaca que para manter uma rua viva é necessária diversidade, ou seja, a monotonia da habitação deve ser quebrada pela existência de múltiplas opções de comércio e atrativos culturais. Em tese, grandes cidades, empresas que produzem diversidade e incubadoras de novas empresas e novas ideias são mais fáceis de atingir esse objetivo. No entanto, isso acontece apenas quando há várias combinações eficazes de usos econômicos na cidade.

Na medida em que a ocupação do espaço público aqui analisado se dá por meio de trabalhos realizados na rua, vale destacar que essa abordagem se converte em um novo espaço de consumo e combina atividades formais e informais. Segundo Montessoro (2006), a existência de comércio de rua vai continuar a expandir-se, especialmente na região do centro, porque o tráfego que afeta esta localidade leva a uma circulação mais intensa.

“O interesse dos trabalhos atuais sobre o espaço é oferecer um quadro teórico que permita pensar a relação sensível com o mundo que nos envolve (...) Doravante, várias abordagens se interrogam sobre a dimensão estética da experiência urbana contemporânea. Se existem diversas maneiras de conceber o espaço, a maior parte delas reconhece sua vertente afetiva e emocional (AMPHOUX, THIBAUD & CHELKOFF, 2004, p. 152).”

## Ambulante ou Camelô?

“O termo camelô aplica-se a uma nova classe de negociantes essencialmente características das grandes cidades e em particular de Paris. Ativo, esperto, inteligente, o camelô geralmente tem verve e espírito suficientes para reunir a multidão em torno de seu modesto mostruário, que cabe inteiro em um pano estendido na calçada” (MOLLIER, 2009, p.49).

Como devemos chamar esses trabalhadores informais? "Vendedor ambulante" ou "camelô"? O primeiro termo refere-se a pessoas que se deslocam para fornecer mercadorias ou fazer negócios. Portanto, dá-se a ideia de não se criar um ponto fixo de trabalho, pois a pessoa está sempre em movimento e não é o caso de investigação nesta pesquisa. O termo “camelô” começou a ser utilizado em 1869, conforme Mollier (2009), por Pierre Larrousse<sup>26</sup> no *Dictionnaire Universel du XIX Siècle*<sup>27</sup>. Nele, o termo refere-se ao “vendedor ambulante que empurra uma carreta com os braços e encurvando as costas, o que faz lembrar um camelo” (MOLLIER, 2009, p.49). Mollier dedica sua obra a este que seria um personagem familiar nas grandes cidades desde o século XIX. A rua, para este autor, preserva em si a função essencial de circulação de informações e mercadorias.

Se as atividades dos vendedores ambulantes na França do século XIX foram importantes, então no mesmo período no Brasil, especialmente nas cidades de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, as atividades dos vendedores ambulantes eram parecidas com a anteriormente descrita, com a peculiaridade de estarem inseridas num contexto de uma economia ainda baseada na escravidão.

Uma vez apresentados os termos mais comumente utilizados para se referir aos trabalhadores de rua, cabe ainda justificar o uso do termo nesta pesquisa. A expressão “trabalhador de rua” é considerada como a forma mais simples de traduzir e remeter ao significado que se quer passar, de alguém que exerce uma atividade laboriosa nas ruas para dela tirar o seu sustento. O termo me parece também mais abrangente, pois pode ser utilizado tanto para aqueles que possuem pontos transitórios, quanto para aqueles que possuem pontos fixos na rua, que é o caso da Rua Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo.

A vivência da realidade do trabalhador informal oscila entre dois paralelos: conviver com os obstáculos e transformá-los em oportunidades. O primeiro paralelo ocasiona um posicionamento otimista, representado pelos fragmentos de discurso de alguns entrevistados que destacam os prós do seu ofício.

---

<sup>26</sup> Pierre Athanase Larousse foi um pedagogo e pedagogista, editor e enciclopedista francês.

<sup>27</sup> Muitas vezes chamado de *Grand Larousse du Dix-Neuvième*, é um dicionário enciclopédico francês.

**“A vantagem é que “nós” conhece muita gente e se diverte! A gente fala e brinca um com o outro quando vem o toró é um corre-corre aqui! E quando vem muito vento a gente segura a mercadoria. E assim a gente vai vivendo.”** (Entrevistado “A” – 22/01/2021).

**“A vantagem que eu tenho é que eu sou o meu patrão. Abro e fecho a hora que eu quiser. Se eu tiver adoentada não preciso dar satisfação pra ninguém. O problema é que também não ganho nada.”** (Entrevistada “B” – 22/01/2021).

Os méritos apontados pelos participantes chamaram a atenção por expressar as mesmas ideias de “liberdade” e “negócio próprio”. Esta é uma boa representação do paradoxo visual entre os setores formal e informal ocupados por vendedores ambulantes (PAMPLONA, 2013; JESUS, 2011). Os comerciantes informais acabam nos mostrando como podem contornar as barreiras trazidas pela nova estrutura de trabalho e expõe como estabelecem suas próprias atividades de trabalho, mesmo que a mudança traga limitações (PAMPLONA, 2013; WEIL e NOGUEIRA, 2016).

Dessa maneira, fica explícito que o trabalhador informal das ruas estudadas é o resultado das suas necessidades, da falta de oportunidade e o resultado da sua vontade. Não só estabelecem no comércio informal a sua própria identidade, mas também um retrato específico da economia e a situação social no país. O trabalhador de rua deve ser entendido muito mais que um personagem da informalidade. Ele é acima de tudo um cidadão sobrevivente do meio, que enfrenta muitas dificuldades no seu dia a dia, mas que sonha, persiste e vence.

### **Que significado tem para a cidade o espaço de comercialização na rua?**

Segundo Bouças (2015) a troca de produtos num mercado talvez seja o método mais uma disputa sobre o espaço desde o início. Para que uma pessoa defina seu próprio ponto de em algum lugar, os bens fornecidos devem ser aceitos pelas pessoas e há a necessidade de uma demanda. Conforme a demanda aumenta, o ponto pode ser determinado. Isso significa que a apropriação inicial aos poucos passa a ser um uso, e esse uso passa a ser uma conquista social por ser considerado um direito. Esse entendimento é ampliado principalmente quando o poder público passa a legislar sobre o assunto e a formular normas específicas para regulamentar o uso da via pública.

Diante do exposto por Bouças, devemos entender que a atividade dos trabalhadores de rua tem real importância para as questões sociais porque garante o sustento das pessoas que nela trabalham e, por conta do capital que giram, contribuem para o escoamento dos bens que também são produzidos. Podemos pensar que, quando o poder público impõe normas e regras sobre seu uso, a rua (como lugar de trabalho) fica mais tensa. No caso das atividades da Rua Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo percebe-se que essa tensão continua, principalmente

porque as pessoas não querem trabalhar nas ruas sem movimento, ou seja, nas ruas onde não há possibilidades de vendas. Sua necessidade de sobrevivência anula a ordem estabelecida. Desse modo, durante e após cada intervenção governamental, os locais onde as atividades não deveriam mais ser realizadas enfrentarão pressão e redistribuição constantes. Ou seja: o comércio de rua tem um significado muito forte tanto para a economia da cidade, quanto para o local no qual já está inserido, e numa possível readequação por parte do poder público, o que se deve fazer é um estudo aprofundado com os próprios trabalhadores, assim como ouvir suas sugestões, questionamentos e necessidades, já que os mesmos são a peça-chave do estudo.

“A essas pessoas, damos voz, não por caridade, mas por convicção de que têm coisas a dizer. E essa voz não é monológica, é dialógica. O pesquisador e o nativo conversam, falam, dialogam. É nisso que consiste o cerne do método etnográfico: em trabalhar com pessoas, dialogando pacientemente com elas (URIARTE, 2012, p.5).”

## “EU SINTO – EU PERCEBO”

### O interesse pelo significado dos sentidos

“Minha percepção é [portanto] não uma soma de pressupostos visuais, táteis e auditivos: eu percebo de maneira total com todo o meu ser: eu abarco uma estrutura única da coisa, um modo único de ser, o qual fala com todos meus sentidos ao mesmo tempo (MERLEAU-PONTY, 1964, p.48).”

Pallasmaa (2011, p.10) adverte que o interesse pelo significado dos sentidos na percepção dentro do campo arquitetônico é um tanto quanto atual, visto que o interesse pelo assunto cresceu após a escrita do livro “Os olhos da Pele”. Enquanto a predileção da visão era tida, muito conteúdo se deixava passar em detrimento dos outros sentidos. Por isso, o autor mencionado nos mostra a importância de experimentarmos e entendermos o mundo utilizando os demais sentidos. É inquestionável que uma experiência de imersão “que intensifique a vida” carece de estimular todos os sentidos simultaneamente a fim de fazer com que o indivíduo experimente todas as emoções, percepções e trocas que o espaço oferta. Santaella (2012) complementa ao afirmar que a percepção é uma espécie de abertura a uma existência exterior, uma comunicação íntima entre nós e aquilo que as coisas revelam sobre si mesmas (p.17). Ou seja: estamos falando também de fenomenologia.

Cores, cheiros, sabores, como aparecem na percepção, não são propriedades intrínsecas dos objetos que percebemos, mas sim a construção de nossas mentes (Huemer 2004; Maund 2003). Toda informação sensorial é em si mesma informação indireta sobre algo. A informação inerente à atividade sensorial é diferente da natureza dos eventos e entidades, porque as sensações dependem não apenas da qualidade do estímulo, mas também da qualidade da sensação. Se considerarmos que a discriminação sensorial difere de pessoa para pessoa, e que todos os estímulos são traduzidos em atividade neural, podemos considerar que a informação inerente às sensações é puramente simbólica e subjetiva (Jacobs, 2006).

O que vemos e sentimos é moldado e determinado pelo que fazemos e pelo que somos capazes de fazer. É por isso que é difícil imaginarmos situações que exijam nossas ações incomuns. Nossos órgãos dos sentidos estão integrados à nossa experiência cinestésica.

É neste sentido que iremos abordar a seguir o conhecimento que cada sentido proporciona simultaneamente, utilizando os autores David Le Breton e Juan Pallasmaa.

“Arquitetura de qualidade é quando um prédio é capaz de me emocionar. O que existe na terra que me emociona? Como posso incorporar isso no meu trabalho? (...) Percebemos a atmosfera através da nossa sensibilidade emocional (ZUMTHOR, 2009).”

### **Visão: a percepção da imagem**

Pallasmaa (2011) relata que, até bem pouco tempo atrás, a teoria e crítica da arquitetura estavam voltadas quase que, exclusivamente, as expressões visuais. A visão era o mais nobre dos sentidos justamente pela certeza que transmite. A respeito disso, Heráclito escreveu: “Os olhos são testemunhos mais confiáveis do que os ouvidos”. Aristóteles também compartilhava do mesmo pensamento e afirmava: “A visão aproxima mais o intelecto, em virtude da imaterialidade relativa de seu conhecimento”. Já Levin (1993) provoca os filósofos quando desafia a hegemonia da visão, demonstrando que o predomínio de um sentido tende a alienar e isolar o indivíduo e suas percepções de mundo (p. 205).

Heidegger (1977) nos aponta que a princípio o predomínio da visão trouxe grandiosa notoriedade, mas que na contemporaneidade tende ao niilismo. Portanto é necessário um equilíbrio nas esferas do sentido para que não haja um negligenciamento perceptivo da arquitetura (PALLASMAA, 2011, p. 36).

### **Audição: a percepção do som**

Zukerkandl (1958) nos aponta que, nas sociedades em que a oralidade é essencial, o som tem um poder de modificação do real se utilizado da forma correta. “Palavras pronunciadas como projeções dotadas de poder constituem-se elas mesmas em sopro deste poder. Os termos tem um poder real nas relações interpessoais” (p.68). Isto nos mostra que o ouvinte reage de acordo com aquilo que foi dito pelo locutor.

Le Breton (1953) identifica que, muitas vezes o som é acompanhado de gestos, sinais e até mímicas, demonstrando a interação entre os sentidos no desafio de se fazer entender. E nela está presente a comunicação, por exemplo, dos deficientes auditivos. É na linguagem dos sinais que se faz presente a voz, os olhos e os ouvidos do indivíduo. O autor finaliza suas observações enfatizando que é a sociedade que transforma a pessoa em deficiente justamente por julgar que o som só se percebe através de tudo o que sonoro (p. 199).

### **Paladar: a percepção do gosto**

É na boca que se experimenta de forma simultânea as maiores modalidades sensoriais, tais como: gustativa, tátil, olfativa, propioceptiva e térmica. Ao final, é proporcionado ao degustador um confronto de dentro para fora. “O prazer em comer pode associar-se aos demais prazeres, porém é o último que nos consola na ausência dos demais” (BRILLAT-SAVARIN, 1965, p.23). Em virtude do que foi mencionado, conclui-se que a área de pesquisa e seu entorno oferecem aos cidadãos, turistas e visitantes fortes experiências com nossas frutas,

comidas típicas e gostos peculiares, o que explica o posicionamento tático das barracas de vendas de comidas nas esquinas que cortam as ruas em estudo: o cheiro chega primeiro e atrai a pessoa para deliciosas experimentações.

### **Olfato: a percepção do cheiro**

Le Breton (2016) é enfático ao defender que é no cheiro que moram as lembranças, que até carecem de vocabulários próprios na organização da cultura olfativa (p.289). É instantâneo a forma como o olfato é acionado e nos faz apontar se algo cheira bem ou mal. E é nos odores que residem determinadas existências e memórias. Proust (2018, p. 55) afirma que é possível reviver fatos, “ressuscitar” pessoas, se transportar à lugares e convocar tempos. Isto nos faz acreditar que, mesmo após a morte e a inexistência material de artefatos, o aroma permanece por muito tempo na memória, apenas esperando ser recordado. E foi na Pandemia do Covid-19 que a ausência deste sentido (anosmia temporária) revelou um dos principais sintomas da doença. Sob esses aspectos, Le Breton (2016, p.290) finaliza afirmando que, viver em um mundo insípido e inodoro priva o indivíduo de sentir sua própria existência.

### **Tato: a percepção do toque**

É o toque que lê a textura, o peso e a densidade dos materiais. Através dele nos conectamos com histórias, gerações e tradições. Ele representa posse e imersão em mundos objetificados. “Lar e prazer da pele se transformam em uma sensação indissociável (PALLASMAA, 2011, p.56).

A pele sendo o maior órgão do corpo humano, enlaça o ser humano e lhe permite reviver toques importantes e significativos para sua vida, como o afago da mãe, o enxugar de uma lágrima ou um doce beijo. “Ele é o sentido da proximidade, exigindo o abandono de outros objetos para uma dedicação exclusiva ao que é palpável” (LE BRETON, 1953, p.206-207). Este é um dos pontos importantes em uma pesquisa que trata do comércio em tempos devastadores da proliferação de um vírus. Fomos privados dos abraços, do cumprimentar e do sentir nas mãos aquilo que se deseja. Viver em um mundo de afastamentos, principalmente em uma cidade de recepção e hospitalidade calorosas, expôs o quanto somos feitos de contatos.

“O uso que fazemos dos sentidos depende dos encontros e acontecimentos com que nos deparamos. As possibilidades de acesso a outros colocam em jogo tanto condições físicas dos sentidos, quanto uma formatação perceptiva dos dados (THIBAUD, 2003, p.113).”

## A ETNOTOPOGRAFIA COMO MÉTODO DE APREENSÃO DAS AMBIÊNCIAS

Agora que já temos conteúdo suficiente para entender o que forma e qualifica a percepção e o modo como cada pessoa reage à ela (subjetividade), veremos a seguir “uma série de táticas” (DUARTE e PINHEIRO, 2019, p.159) que foram utilizadas na pesquisa como forma de captar as ambiências das ruas.

A junção das palavras já nos propoem o seu significado: ETNOGRAFIA (descrições, vivências e detalhes) e TOPOGRAFIA (estudo da superfície), que neste caso, vem a ser tudo aquilo que paira no ar: sensações, emoções, lembranças, memórias e entendimentos do próprio pesquisador. Tudo reunido em formato de texto, buscando alcançar uma exposição do visível e do invisível (CARVALHO *apud*. DUARTE e PINHEIRO, 2019).

É importante ressaltar que, para Thibaud (2001) diante do material elaborado, existem três níveis de funcionamento incutidos na observação: o contexto, o usuário como atuante no espaço e o lugar com suas características. Isso nos leva a ratificar o quanto a subjetividade está envolvida no processo. Até mesmo o uso de iconografias, como forma de condensar informações, tendem a ser próprias de quem observa. Silva (2016, p.29) nos aponta, inclusive, que as imagens “favorecem a tradução da realidade de determinado momento”. Complemento dizendo que as mesmas tem até mesmo o poder de comunicar sem usarmos qualquer palavra. Isto já é o que Ferrara (2000) defende como “Leitura não-verbal”, um olhar multissensível ao que é heterogêneo, ou seja: aquilo que está dissolvido no cotidiano, porém capaz de provocarnos valores e juízos. Tudo isso organizado como registros.

## O OLHAR QUE ABRAÇA: PERCEBENDO AMBIÊNCIAS ATRAVÉS DA SUBJETIVIDADE.

Após um ano de incursões e observações, baseadas na obra de Charles Baudelaire (1821-1867), compartilharemos neste item, nas palavras de Rocha e Eckert (2003, p.1) “um estado de ser e estar no mundo ao refletir sobre nossos deslocamentos”. Foram produzidas algumas dezenas de páginas contendo detalhes, narrativas, entrevistas e análises, que nas entrelinhas, destacam-se o vocabulário e o jeito (único) do Paraense.

“A narrativa etnográfica tem se caracterizado pelo realismo etnográfico, isto é, pelo modo de escrita que busca representar a realidade de todo um mundo ou de uma forma de vida (MARCUS & CUSHMAN, 1998, p.175).”

É o realismo etnográfico que explica essa importância da descrição nos textos etnográficos, dos detalhes, do cotidiano e, principalmente, das alusões ao “eu estive lá”: é a forma que temos de fazer parecer, de certa forma, a totalidade, uma totalidade experimentada e partilhada pelo pesquisador (URIARTE, 2012, p. 9-10).

Ao falarmos de uma observação fortuita e participante<sup>28</sup>, recorro a “piscadela” de Geertz (2019) para exemplificar como o olhar pode se comunicar e abraçar a atmosfera envolta. No momento em que há uma “partícula de comportamento, um sinal de cultural – voilá! – temos um gesto” (p.16). É “perdido” no vai e vem de pessoas, no ouvir de conversas rápidas, no “*venha cá, minha freguesa*”, que seremos conduzidos as experiências do pesquisador como *flâneur*.

“(…) são singelas narrativas de encontros com pessoas e lugares na cidade de **Belém** que falam dessa dimensão micro da vida social, tão rica e plural, que pulsa numa cidade brasileira (SILVEIRA, 2018, p.299, grifo nosso).”

---

<sup>28</sup> Técnica inaugurada por Bronislaw Malinowski.

**“Bora lá embaixo”.**

Rua Conselheiro João Alfredo, sexta-feira, nove horas da manhã. “Aquela” sexta que antecede a procissão do Círio de Nazaré. Por falar nele, fui recebido naquele dia com o hino oficial ecoando pelos quatros cantos da rua:

*“Vós sois o lírio mimoso. Do mais suave perfume. Que ao lado do Santo esposo, a castidade resume. Ó Virgem mãe amorosa, fonte de amor e de fé. Dai-nos a benção bondosa, Senhora de Nazaré”.*

Deixei meu carro num estacionamento particular lá na Manoel Barata e vim andando pelas ruas estreitas do nosso comércio. Aproveitei para ver os comerciantes montando suas barracas e abrindo suas lojas. Pude perceber um ambiente quase familiar, onde todos se conhecem por apelido ou por chamar o outro pelo time rival no futebol paraense.

Cheguei na “minha rua” (como diz minha sábia mãe) e logo me deparei com um tapume metálico fechando a esquina da João Alfredo com a Avenida Portugal. O cenário, aliás, estava diferente dos anos anteriores, segundo relato dos comerciantes. Em ano de pandemia, o vai e vem de turistas suados com suas garrafinhas de água nas mãos, muito comum neste dia, estava bem abaixo do esperado. Aliás, apesar de eu não ser turista, estava tão breado quanto eles. Por conta disso, resolvi me encostar ali naquela esquina próxima, sombreada pelo toldo horroroso vermelho, de uma loja de confecções – *Makell. A moda jovem do Brasil* – para observar tudo aquilo que estava ocorrendo em minha volta. Repito: que toldo horroroso! que contrastava terrivelmente com a beleza dos casarões do entorno. Mas o pior ainda estava por vir. Quando olhei para cima, me dei conta de que o casarão também “gritava” com suas cores vermelho e azul. Então eis que surgiu uma ideia ao perceber um vendedor de óculos escuros montando seu expositor ao meu lado...

*(Eu): Fala mano, beleza? Quanto tá esse aqui?*

*(Ele): Esse é novidade na praça, mano. Tá só 10 pau. Aproveita que o sol tá forte!*

*(Eu): Tá mesmo! Ainda mais com esses casarões pintados com essas cores tão berrantes, né?!*

*(ele): Que nada, mano! Isso é pra chamar atenção dos fregueses.*

Foi aí então que entendi. Assim como ele, muitos outros deviam pensar da mesma forma: chamar atenção. Mas será que precisava de tudo isso? Questionei-me. Continuei minha imersão na rua entre papelões, plásticos e até mesmo restos de móveis, o que me fez observar a ausência de lixeiras naquele lugar. Definitivamente a “minha rua” estava passando por transformações ali, na minha frente. Notei que nas partes mais estreitas, os vendedores ambulantes estavam distantes das recomendações de afastamento da OMS. Perdi a conta de quantas vezes abaixei a cabeça para passar embaixo de suas mercadorias penduradas em suas

lonas azuis. Falando nisso, na próxima vez que eu for lá, levarei no bolso uma *Loratadina*, por quê não há quem agüente aquela mistura de cheiros: tecido novo, couro de sandálias, plástico e patchouli.

Por falar em cheiros, logo meu nariz sentiu um aroma muito peculiar ao paraense em véspera de Círio. Ali, na esquina da Travessa Padre Eutiquio, a Dona Helena mexia seu caldeirão adubado, como ela mesma fez questão de relatar, de Maniçoba. Mas enquanto ela não terminava de arrumar as cadeiras para seus fregueses, pude ouvir, sem querer, um comentário muito intrigante: “Deus me livre comer um negócio desses na rua.” Não sei se a pessoa se referia ao local, a comida (por ser pesada) ou se aos dois. Só sei que o cheiroso estava maravilhoso.

Finalizei minha primeira andança na João Alfredo ali na esquina da Travessa Frutuoso Guimarães, exatamente na confluência das ruas. De um lado, tapumes fechavam a circulação na Praça das Mercês por conta da revitalização. Do outro lado, os ambulantes disputam espaço na calçada com os pedestres, e no meio disso notei algumas mulheres tropeçando em nossos paralelepípedos e trilhos do bondinho. Alí constatei que, mesmo em um claro dessaranjo, os ambulantes se organizavam à maneira deles. Percebi que a cada esquina, o cenário de vendas mudava, destacando um tipo de comércio. Outra observação que fiz, deu um sentido a fala de minha mãe quando eu era criança. Notei que naquele ponto havia um aclave para quem vai ‘subindo’ a João Alfredo. Agora entendi o motivo de “ir lá embaixo.”



**Foto 16:** Lá embaixo.

**Fonte:** Luciano Santana, 2020.



**Foto 17:** Mostruário das camisas do Círio.

**Fonte:** Autor, 2020.

### **O que acontece neste pequeno mundo?**

O movimento no comércio informal das ruas do centro histórico de Belém, ao contrário do badalado Ver-o-Peso localizado ali pertinho, não começa tão cedo. É possível chegar antes das 08h da manhã e observar a chegada dos trabalhadores, a montagem das lonas e o abrir de zipers para retirar a mercadoria que será exposta. Enquanto tudo isso é realizado, percebo, encostado em uma loja na esquina da Travessa Frutuoso Guimarães com a Rua Conselheiro João Alfredo, que as relações entre eles são muito íntimas, ao ponto de surgirem perguntas e brincadeiras particulares:

*“Fala Paysandú! Égua, aquele teu time é só vergonha!”*

*“Mano, se juntar os dois (times) não dá um!”*

*“E a tua filha, tá melhor? É Covid? Fiquei preocupado quando a Carlinha disse que tu não vinhas ontem”.*

Embora não haja parentesco familiar entre esses dois personagens, é quase palpável o amor fraternal existente naquela realidade. Apesar das brincadeiras, noto que o “Seu Carlos” estava ansioso para ouvir a pergunta do “Manezinho”, e muito feliz ao responder com um sorriso no canto da boca:

*“O Doutor lá da UPA disse que não. Passou um remédio pra tosse e hoje ela já amanheceu bem melhor!”*

Esse relato acontece exatamente 1 ano depois de minha imersão naquela realidade local. A conversa a respeito da Pandemia já aparenta normalidade e, questionar o outro se está doente, com sintomas ou algum familiar adoentando, é considerado normal e corriqueiro.

Ainda vivenciando observações nesta mesma esquina me sinto incomodado com um

senhor aparentando ter um pouco mais de 60 anos, sentado de pernas cruzadas olhando para a fachada de uma loja, mas com o pensamento parecendo estar distante dali. Parece-me refletir sobre algo ou alguém. Dez minutos depois desta observação a realidade iria mudar, a circulação se tornaria frenética e os sons das lojas tomariam conta das ruas. Senti que era o universo me mostrando o que também deveria fazer: sentar, olhar e refletir.



**Foto 18:** Reflexões.  
**Fonte:** Autor, 2021.

Após concluir minha experiência, deambulei mais um pouco e vejo um trabalhador mais a frente, chegando com seu mostruário metálico cheio de máscaras. São muitas, coloridas e dos mais diversos tamanhos. Ele arruma uma por uma, todos os dias, do mesmo jeito. Noto que a grande maioria que se aproxima de seu espaço são mulheres, na maioria senhoras, e que demonstram comprar para si e para os seus, já que escolhem modelos diversificados, soltando vez em quando um: *“essa dá no meu filho”*. Pronto. A freguesia está formada. Noto, porém, que o próprio vendedor não utiliza máscara. Seria antagônico, não? Não se, ao estender o olhar para além daqueles 50 metros próximos, percebesse que a grande maioria não usa.



**Foto 19:** O colorido das máscaras.

**Fonte:** Autor, 2021.

### **Não tenho nem roupa ‘pra’ isso**

Em uma ensolarada manhã de Outubro de 2022, ao deambular pela Rua Santo Antônio, noto a presença de um turista na movimentada Praça Barão do Guajará. Era turista pela visível diferença dos traços físicos e pelo idioma não entendido por mim. Ao olhar para o icônico edifício, ficara estarecido, como quem não acredita no que seus olhos estão vendo. À mim, parece uma criança quando ganha sua primeira bicicleta como presente de Natal. Ela sabe o que escreveu para o Papai Noel, mas quando vê diante de si o pedido realizado, vibra e se alegra numa intensidade fascinante. Assim era o turista.

Diante do luxo, da elegância e do glamour daquele local, ele logo ‘saca’ sua câmera e passa a registrar cada detalhe que vai descobrindo ao rodear o prédio. Como que de forma sensível, o turista sabe que o célebre casarão viu acontecer grandiosas transformações ao seu redor e permaneceu alí, íntegro e pomposo. Por isso as milhares de fotos. Ele aponta para detalhes, e adentra o local (eu também) se surpreendendo com a qualidade do ladrilho que enxerga sob seus pés, com os enormes espelhos do fundo da loja e fica quase sem palavras quando, ao subir os olhos, dá de cara com a bela e faustosa escadaria que se escondera entre os tecidos: “*Woow!*”. Foi com essas quatro letras que o turista demonstrou admiração diante do que estava vendo. Um sorriso de canto me toma os lábios e eu atravesso para o outro lado da rua e pergunto a um transeunte que esbarro se já adentrara ao famoso casarão. A resposta foi tão maravilhosa quanto a admiração do turista: “*Eu não tenho nem roupa ‘pra’ isso*”. Do outro

lado da rua eu também resolvo registrar algumas imagens e, ao olhar para o visor da câmera, percebo que nenhuma barraca ultrapassa a altura do segundo pavimento da Loja. Não sei se foi algo planejado pela prefeitura ou uma feliz coincidência, mas o que de fato isso representa em minha humilde análise é: respeito. Do turista eu não consegui saber o nome, mas o casarão...para bom entendedor, meia palavra basta. Tratava-se da Casa Paris N'América.



**Foto 20:** Tradição e Contemporaneidade.  
**Fonte:** Autor, 2022.



**Foto 21:** Detalhes da Paris N'América.  
**Fonte:** Autor, 2022.



**Foto 22:** Fachada Lateral da Paris N'América.  
**Fonte:** Autor, 2022.



**Foto 23:** Interior da Casa Paris N'América.  
**Fonte:** Autor, 2022.

## Um apagamento<sup>29</sup>

Foi durante uma ausência minha, que um acontecimento gerou muitos comentários entre os comerciantes e transeuntes das ruas pesquisadas por vários dias. Por isso não poderia deixar de acrescentar em “meu” olhar que abraça. O calçamento em concreto foi realizado pela Prefeitura de Belém, descaracterizando o lugar. Alguns dias após o derradeiro capítulo, ainda era possível ouvir burburinhos e opiniões por parte dos comerciantes. A Dona Silvia, comerciante informal há mais de 20 anos na área, traduz em palavras o sentimento de muitos:

*“Apagaram nosa história. A gente queria uma melhora na rua e na calçada, mas não assim (apontando para a via). Quando chove, a água fica parada aqui nos cantos, ninguém consegue andar aqui, e demora muito pra secar. Aí é praticamente um dia de serviço perdido, porque ninguém vai querer pisar na água, né?!”.*

O relato da Dona Silvia nos orienta para o caminho da humanização da arquitetura: a escuta. Talvez uma “simples” conversa conseguiria captar a real necessidade dos comerciantes.



**Foto 24:** Intervenção na Rua Conselheiro João Alfredo.

**Fonte:** Mauro Ângelo, 2020.

---

<sup>29</sup> Denominamos “processo de apagamento” o fenômeno de esquecimento inconsciente de um fato relacionado a um lugar. Alguns grupos tentam “apagar” da memória dos lugares algum fato que não seja “conveniente” na construção das identidades atreladas a esse local (DUARTE et al., 2005, p.5).

## A visagem

Estamos no entardecer do dia 15 de março de 2021. Algumas lojas já estão fechadas e algumas barracas tendo suas mercadorias guardadas. Fui acompanhando de meu pai fazer uma incursão noturna, o qual me perguntava incessantemente: “*O que tu vieste fazer aqui, mano? Daqui a pouco isso aqui vai ficar soturno.*” Eu, de fato, não tinha nada planejado para fazer ali, mas sentia que deveria experienciar. Na esquina da Rua Santo Antônio encontro um comerciante indo embora com sua mercadoria. Por estarmos do mesmo lado da calçada, pergunto ao mesmo se seria perigoso caminhar por aquelas ruas naquele horário. O mesmo me diz:

*“Mano, perigoso sempre é, né?! Mas eu acho que de manhã, com aquele corre-corre todo, é mais perigoso. Os meninos metem a mão na tua bolsa e tu nem vê! Mas tu vai muito lá pra dentro? Já tá tudo fechado pra lá. Só tem rato. Disque vai ter lockdown daqui a pouco. Cuidado aí!”*

Entrevistado do Dia

A agitação e o vai e vem das pessoas deu lugar às ruas quase desertas, embalagens de mercadorias e um silêncio muito desagradável para quem já viveu a intensidade do oposto. Noto alguns olhares em minha direção, como o de uma mãe que desaprova alguma atitude do filho, mas sigo caminhando e observando que o anoitecer vem chegando e escondendo a beleza de alguns casarões e prédios antigos, já que a iluminação do local é incontestavelmente desfavorável. Prosseguindo o caminhar, me desperta a possibilidade de haver histórias de visagens e aparições naquelas ruas, já que as mesmas estavam bem atrativas para o mesmo. Penso naquele momento que seria um máximo poder ouvir e contar isso. Resolvo descansar em um dos bancos da Praça das Mercês e fico olhando, como que através de um *Time Lapse*<sup>30</sup> tudo acontecendo e se transformando. O colorido sendo substituído pelos tons de cinza. Até mesmo o cheiro dos tecidos das roupas expostas se perdeu, dando lugar ao desagradável odor das bocas de lobo. Aliás, não tinha notado a presença e localização delas durante as incursões feitas pela manhã. Outra observação é ausência dos cheiros característicos de nossas comidas típicas. De fato, aquele me parecia outro lugar.

Por falar em comida típica, eu me encontrava diante do mesmo lugar que a Dona Helena vendia sua cheirosa Maniçoba. Naquele “cantinho” disputado, agora só havia uma penumbra e uma sombra que parecia crescer, o que chamou minha atenção. Comentei com meu pai que aquilo era estranho. Nem bem terminei o comentário e vi, para meu desespero e agonia, um

---

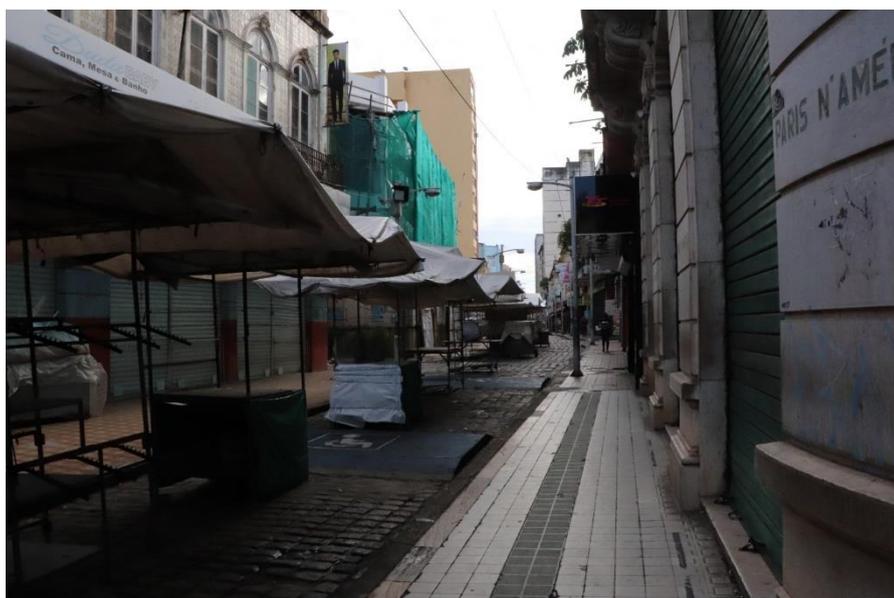
<sup>30</sup> É uma técnica cinematográfica que possibilita retratar a passagem do tempo de forma rápida, transformando horas em minutos.

grande roedor correndo de um lado para outro. O comerciante tinha razão. Visagem só se for de rato.

Encerrei meu percurso e voltei pra casa. Ao ligar a TV justo na hora do jornal local, a chamada era a seguinte: “Lockdown começa a valer a partir das 21h de hoje em Belém e Região Metropolitana”. O comerciante tinha razão novamente.



**Foto 25:** Tem alguém aí?  
**Fonte:** Autor, 2021.



**Foto 26:** Cadê todo mundo?  
**Fonte:** Autor, 2021.

## Um completo

Em uma de minhas deambulações, conheci o “Maycon do Completo” com sua inseparável bicicleta e seu isopor vermelho. Antes de me aproximar para ‘trocaros uma ideia’, percebi o quanto o Maycon é aguardado nas redondezas da Rua Santo Antônio. Ele não fica o tempo todo naquele lugar, tem hora certa, por isso é tão aguardado.

Os lanches que Maycon vende sustentam sua família e saciam a fome de muitos trabalhadores e frequentadores do comércio. Maycon é mais um dentre tantos sobreviventes naquele lugar. Ele é o vendedor, o anunciante e o que recebe o dinheiro, tudo ao mesmo tempo ou como ele mesmo diz: “Um olho na missa e outro no padre”. A vitamina de Abacate e a Coxinha de Frango, o famoso completo, são os lanches mais procurados e, conforme são vendidos, vão trazendo ao rosto do Maycon um sorriso e um sentimento de “consegui!”. Ele me revela que nem sempre volta com a bicicleta vazia, mas que todos os dias está ali.

Nestas poucas linhas, percebi o quanto todos somos Maycon, cada um na sua luta e persistência. Nem sempre conseguimos entregar o melhor, mas o importante é não desistir e voltar no dia seguinte.



**Foto 27:** O Completo  
**Fonte:** Autor, 2021.

## **A movimentação estrangeira nas ruas**

De uns anos pra cá, o comércio popular de Belém ganhou novos protagonistas: chineses e suas mercadorias. “Competir com eles é complicado”, afirmou o *Seu Bené* em uma entrevista. A dificuldade encontrada pelo *Seu Bené* é a econômica. Os produtos vêm diretamente do país pra eles, enquanto para o *Seu Bené* é preciso pagar ainda o “atravessador” (nas palavras dele). “Eles falam tudo enrolado, o povo não entende. Ai a gente aproveita e chama o freguês aqui pra rua e mostra a mesma coisa”.

## **A tensão nas ruas**

Viver da prática comercial informal é falar de tensões a todo momento. A época do “olha o rapa” passou, mas os nossos protagonistas precisam estar em dia com a documentação exigida para exercer a função. “Aqui a gente é tudo arrumadinho. A gente só não tem carteira assinada, mas até sindicato nós tem!”, me revelou a entrevistada Cristiana ou Cris, como ela pediu para ser chamada.

## **Tudo tem aqui**

“Porque você vem ao comércio?” questionei uma entrevista. “Na Paris N’América, diante daquela belíssima escadaria, tu encontras os mais variados tecidos: Tafetá, Organza, Linho, Algodão e Tricoline. Se quiseres produtos religiosos é só entrar na Paulinas. Tá precisando de jeans, um short, uma bermuda? Lá embaixo (apontando para o final da rua) tem! Cansou, tá brocado? O Vatapá da Dona Helena, lá na esquina da Frutuoso é uma delícia. Eu gosto de costurar. Alí na 13 (Rua Treze de Maio) tem a Janaína (Armarinho) e a Casa da Costureira (Loja de aviamentos). Tu queres mais o quê? Aqui tem tudo!”

Ao final das narrativas, observa-se que elas, nas palavras de Thibaud (2003, p.120) “assumem várias formas, dependendo de onde se observa. Elas podem qualificar, detalhar especificar, avaliar ou enumerar”.

“As descrições registradas com essa técnica de levantamento devem ser transcritas de forma a permanecer o mais fiel possível às flutuações da fala – levando em conta silêncios, lembretes, hesitações, onomatopéias, gagueiras etc. (THIBAUD, 2003, p.120).”

## MAPA SENSÍVEL DAS AMBIÊNCIAS DAS RUAS

### O percurso e as experiências dos usuários

Baseado na metodologia adotada por Melo (2013), onde leva-se os usuários do lugar a uma imersão perceptiva das ruas, é coletado destas experiências tudo aquilo que os mesmos destacaram como sendo relevante e valoroso para si. Muitas do que foi observado pelos indivíduos no lugar se apresentou como sendo “*nunca tinha visto isso aqui!*” ou “*é estranho caminhar aqui sem pressa e podendo observar as coisas direito*”, o que atesta aquilo que foi discutido nesta dissertação no item “**A Arquitetura como meio de influência no processo de subjetividade do indivíduo**” (p.22). À medida que o deslocamento ia sendo realizado, surgiam comentários e sensações que colaboraram no traçado do perfil dos elementos que foram cartografados neste item. Tais elementos propiciam a “compreensão das apropriações e afetações que as pessoas desenvolvem pelo lugar” (MELO, 2013, p. 191). O interesse do autor Erving Goffman por este tipo de abordagem é destacado aqui pelo “desenvolvimento de um aparato conceitual que especifica o impacto do lugar no comportamento perceptivo dos atores, onde é delineada a possibilidade de diferenciar os lugares de acordo com as condições de acesso (THIBAUD, 2003, p. 115).”

“As características do local, são analisadas na maioria das vezes em termos de obstáculos físicos – paredes, e divisórias de todos os tipos – que funcionam como barreiras à percepção (...) propomos compreender como o ambiente sensível participa do “roteiro” da vida em público, como as qualidades sensíveis contribuem para a apreensão da percepção pelo público (THIBAUD, 2003, p.115).”

De acordo com Melo (2013) as transformações pelas quais as ruas pesquisadas já passaram, tendem a despertar estranheza ou fascínio primeiro naqueles que mais tem sensibilidade com o espaço, havendo a intensificação das experiências habituais. É neste momento que surge um olhar que ressignifica o espaço em busca de reconhecimento. Nas palavras de Thibaud:

“Propomos passar de uma observação erudita e distanciada para uma descrição ordinária e comprometida. A descrição do perceptível não é mais realizada pelo pesquisador, mas pelo próprio transeunte. A mobilização dos recursos reflexivos do transeunte possibilita então contextualizar as descrições (THIBAUD, 2003, p.116).”

A partir destes conceitos e técnicas, o roteiro foi compartilhado com um total de 20 usuários, dentre eles sendo: 10 comerciantes, 5 frequentadores assíduos e 5 sujeitos que não possuíam o hábito de ir aquelas ruas regularmente. Dentro do tempo disponível pelos mesmos,

a única instrução repassada foi a de comunicar ao pesquisador tudo o que eles sentiam, viam, notavam e percebiam, o que se conecta com a concepção de Thibaud (2001) ao criar os **Percursos Comentados**<sup>31</sup>, onde o mesmo nos adverte a esmiuçar o espaço construído em busca de “fenômenos sensíveis sonoros, lumínicos e olfativos” (DUARTE et al., 2008, p.2). É válido destacar que, “toda percepção envolve um movimento, ainda que pequeno, que torna possível o próprio autor perceber” (THIBAUD, 2003, p. 116). Sobre isto, o autor supracitado destaca:

“Colocar o corpo em movimento é tanto um investimento prático no mundo quanto uma consciência dele. Este princípio de percepção motora não é apenas uma ontologia da carne ou uma práxis do corpo perceptivo, é também relevante para apreender a construção sensorial do espaço público. O movimento é também uma condição de possibilidade de domínio público (THIBAUD, 2003, p.116).”

Diante do exposto, o mapa (MAPA 04) contém em destaque as ruas caminhadas, suas interseções, pontos turísticos citados e importantes para a referência espacial, além de aspectos apontados em maior quantidade pelos participantes da experiência, os quais serão analisados e discutidos como forma de avaliar as ambiências. A legenda é uma adaptação da mesma utilizada por Melo (2013).

---

<sup>31</sup> Trata de solicitar aos indivíduos que **progridam** em espaços e que **descrevam** durante o seu andamento, a sua **percepção** e as suas **sensações**” (THIBAUD, 2002, p. 4).



## **Reflexões acerca dos dados coletados**

O recorte espacial teve como delimitação a Avenida Presidente Vargas e a Avenida Portugal, onde o comércio informal é mais chamativo e propulsor. O percurso teve como pontos de partida justamente as limitações do recorte, ora indo da Rua Conselheiro João Alfredo para a Rua Santo Antônio e ora fazendo o trajeto oposto. Os ícones indicam sensações, emoções e afetos relatados pelos participantes, bem como possíveis barreiras visuais, dificuldades e acessibilidade comprometida, de acordo com o método praticado por Duarte, Cohen, Brasileiro e Silva apud Duarte e Pinheiro (2019, p. 142).

Entre a Avenida Presidente Vargas e a Travessa 1º de Março identificamos a sensação de luminosidade e ventilação agradável, diretamente ligados a escala dos edifícios do entorno, que favorece tal sensação. Por ter uma largura maior que em outros pontos da rua, o indivíduo tem a impressão de espaço amplo, clareza pelo posicionamento favorável dos postes de iluminação no período noturno, e pela limitação de altura dos edifícios, permitindo maior abrangência da iluminação natural (período matutino).

Já próximo à Rua Padre Prudêncio, identificamos barulho desagradável como sendo o ponto mais destacado pelos usuários, por conta de as lojas utilizarem sons e músicas além dos níveis aceitáveis para “chamar” a clientela que passa. Não muito distante da li, em torno da Casa Paris N’América, é revelado por alguns sujeitos, recordações e afetos que despertam memórias nos mesmos. Seja pela infância ou por admiração do que se vê, os mesmos manifestaram identidade com o lugar.

Ao aproximar-nos da Travessa Frutuoso Guimarães nas proximidades da Praça Visconde do Rio Branco, até a esquina da Travessa Campos Sales, as pessoas que fizeram o trajeto da Avenida Portugal para a Avenida Presidente Vargas identificaram o lugar como possuindo um acentuado aclive, com sensação de calor e passagem estreita, além de sinalizarem afeto. Neste perímetro, há um afunilamento da rua, fazendo os comerciantes ocuparem toda a extensão da calçada e via, fazendo com que a circulação seja feita por debaixo das lonas de suas barracas. Aqui não há o cuidado de se manter uma altura adequada das coberturas, ocasionando a perda da contemplação dos prédios e casarios do entorno. Por conta do espaço estreito e “fechado”, além da aglomeração de pessoas, há dificuldade de circulação da ventilação natural. Aqui destacamos a mudança dos produtos vendidos pelos comerciantes, tendo uma acentuada oferta de roupas, trajes e vestimentas, modificando o odor da rua. No que se refere a isso, salientamos a forte presença de carrinhos de lanches e comidas típicas, que também alteram a percepção da rua, favorecendo identificação com cheiros e sabores agradáveis.

Buracos, ausência de lixeiras e lixos espalhados também foram notados pelos pesquisados, além da falta de preocupação com o descarte correto das embalagens. Isso mostra o quanto “olhar de fora para dentro” muda a percepção de quem está avaliando o lugar.

À medida que caminhávamos por debaixo das barracas, a sensação de escuridão e ambiente fechado se intensificava, assim como a dificuldade em caminhar de forma acessível e confortável, visto que alguns paralelepípedos estavam soltos e havia muitos manequins expostos na limitada calçada.

Após passarmos da Rua 7 de Setembro, notou-se uma sensação de espaço amplo, iluminado e contemplativo por parte dos usuários. Os mesmos destacaram conseguirem ver, pela primeira vez, a quantidade de casarões antigos e “maravilhosos” no alto da rua. Apesar dos participantes do percurso referirem dificuldade em caminhar por entre as pedras que revestem a rua, muitos não viram como positiva a alteração do piso no início da Rua Conselheiro João Alfredo. A substituição por pavimentação em concreto destoou do ambiente histórico, destacou uma pesquisada.

No mesmo espaço, identificaram placas e nomes de lojas antigas, que não existem mais. Relembraram, por exemplo, da entrada do Edifício Lobrás, escondido entre as barracas. A maior discussão se deu no momento em que os caminhantes perceberam a existência de barreiras na esquina da Rua Conselheiro João Alfredo com a Avenida Portugal (estes percorreram a rua vindo da Avenida Presidente Vargas), onde não se pode mais acessar as lojas presentes no canto da rua.

Refletimos que a cada esquina a percepção dos usuários mudou, assim como as mercadorias e produtos, o que nos leva a considerar o quanto eles influenciam nas ambiências existentes com seus cheiros, sons e cores. Talvez muito do que foi notado pelos participantes não fosse percebido pelos mesmos na posição que ocupam. Por isso é importante ouvi-los antes de sugerir interferências e alterações do lugar. Vinculado a isto, Thibaud (2003, p. 114) destaca que “o relato minucioso costuma ser um passo essencial na investigação de campo”. Ainda sobre isto, Duarte et al., (2005, p.2) nos adverte que:

“(…) compreender os afetos atribuídos aos lugares, constituiu-se em fatores fundamentais tanto para a geração de estratégias de promoção do bem estar do homem nos espaços construídos, como para o sucesso dos projetos de arquitetura e urbanismo.”

## Capítulo IV

*Nada cai do céu  
Nem cairá  
Tudo que é meu  
Eu fui buscar  
Aprendi viver  
E caminhar  
Entre bons e os maus  
E me guardar*

*Fico me remoendo  
Com meus remendos  
Pra me lembrar  
Que lá vem desavenças  
E eu tenho que enfrentar*

*Isso é que me alimenta  
Que me sustenta  
Me faz amar  
Nesses confins do mundo  
Nada vai me assustar*

**(Batacotô e Ivan Lins)**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A canção de Ivan Lins e do grupo Batacotô vem embalar nosso derradeiro capítulo. Talvez ela consiga manifestar uma pequena parte do que aprendi durante esses doze meses de pesquisa no comércio informal. Seria belo e atraente concluir a pesquisa de forma poética, mas existe uma realidade dura e pesada por trás dos versos de Lins que não pode ser ignorada. Há uma política que possibilita a contratação de mão de obra em um formato bastante flexível aos empregadores, composta de normas e leis que atendem minimamente o trabalhador. Por outro lado, existe uma grande parcela de trabalhadores informais que estão se arriscando nas ruas pela sua sobrevivência, sem garantias e benefícios. É fato, através de algumas narrativas, que essa não foi a primeira escolha de trabalho para muitos, mas sim uma forma encontrada de subsistir e persistir diante das dificuldades financeiras imediatas pelas quais o nosso país vem passando há vários anos, principalmente durante e pós Pandemia do Covid-19.

Apesar da atividade ser mal vista por muitos, é preciso explicitar o quanto o cotidiano no centro de Belém, em particular nas Ruas Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo, não seria o mesmo sem a atividade dos trabalhadores de rua. Em um primeiro momento a dinâmica criada por suas atividades e as diferentes instâncias de movimento na rua criam contradições ao mesmo tempo em que a enchem de vida. É como se os trabalhadores sentissem essa concentração da diversidade e a aproveitassem ao máximo, tornando-a mais dinâmica e ampliando as possibilidades do local. Por exemplo, essas pessoas podem ter dado uma contribuição significativa para a existência de tantos restaurantes e lanchonetes no centro, com custo até mais barato. Isso para citar apenas um dos diversos negócios que se beneficiam da atividade e se proliferam a partir dela. Posteriormente, sob o foco humanizado, captamos que o trabalho informal também está ligado ao sonho de uma vida melhor, à realização de sonhos e projetos de vida, além da dignidade social.

Vimos no capítulo 2 o quanto foi importante voltar ao passado, através dos registros fotográficos, para entender como esse comércio informal chega até a contemporaneidade. Tanto no final do século XVIII e início do século XIX, quanto no final do século XX e início do século XXI, é na desajustada economia que se encontra a motivação para os indivíduos buscarem no comércio de rua o sustento para si e suas famílias, embora as mercadorias tenham se modificado e a forma de estar e permanecer no lugar também.

Identificamos também a conjuntura que envolve as tantas pessoas que participam de uma micro economia que muitas vezes é vista como concorrentes desleais - o poder público e a sociedade local formam um mercado local, com suas leis de oferta e procura, normas tácitas, enquadramentos legais, além de promoverem os contratos sociais relacionais, onde impera

ainda, a sociabilidade como um diferencial característico nas relações sociais estabelecidas entre todos os sujeitos envolvidos, alegando que os trabalhadores informais não seguem normas, leis e não pagam impostos, além de estarem dispersos e desuniformes no espaço. É fato e merece destaque as inúmeras vezes que o poder público tentou ordenar o espaço informal, porém sem um olhar mais humanizado sob os espaços e os seus usuários. Deste modo, esta situação não pode ser ignorada pelos governantes, e o planejamento só pode ser elaborado a partir do momento que tentamos compreender a sua complexidade, e aí sim, propor alternativas que compatibilizem os diversos interesses envolvidos, não se pretendendo eliminar os costumes cotidianos dos espaços representativos. É preciso considerar, antes de tudo, as histórias de vida, anseios e dificuldades de quem faz daquele lugar um ponto vivo e pulsante na cidade.

Concluimos então o quanto é valioso e representativo a forma como os espaços arquitetônicos, sejam eles fechados ou abertos (como por exemplo as ruas) são percebidos e sentidos pelos seus usuários, e a diferença que faz estar “*in locu*” e apreender as ambiências que alí pairam. Levar em conta as emoções, sentimentos e afetos desenvolvidos nos lugares também colaboram para que se construam projetos cada vez mais satisfatórios e dentro daquilo que os usuários necessitam de forma plena, dialogando com o subjetivo para alcançar o material. Fica evidenciado aqui o quanto a atividade etnográfica possibilitou percepções de vida, de espaço e de modos de trabalho, e a partir dela alcançamos, fundamentado no mapa sensível, as ambiências que formam a atmosfera do comércio informal de rua.

Apesar de chegarmos ao final de nosso “passeio” sem verdades consolidadas, abrimos caminhos e possibilitamos reflexões acerca do quanto o olhar humanizado e acolhedor pode transformar os espaços construídos. Vimos que tais espaços não estão marcados apenas por construções, tijolos e concreto. Devemos considerar que, as histórias e memórias desses lugares, tal como das Ruas Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo, não constam apenas registradas em livros, publicadas em artigos ou em matérias de jornais. Muitas das histórias de vida que compoem essas ruas estão guardadas nos paralelepípedos que registraram (e ainda registram) muitas idas e vindas, difundindo informações e dados de seus usuários, as quais necessitam de um tradutor para serem desveladas, abrindo um leque de possibilidades metodológicas a serem utilizadas em pesquisas. A partir dessas considerações, as dinâmicas do comércio informal das Ruas Conselheiro João Alfredo e Santo Antônio apontam para a existência de uma rica fonte de informações férteis no âmbito da Antropologia Urbana, da História e da Arquitetura e Urbanismo.

## REFERÊNCIAS

- AGIER, M. **Distúrbios Identitários Em Tempos De Globalização**. Mana, V.7, Nº2 , Rio De Janeiro, P.7-33. 2001.
- \_\_\_\_\_. **Antropologia Da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 216 P. 2011.
- AGUIAR, D. V. DE. **Planta e Corpo: elementos de topologia na arquitetura**. In: DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G.; BRONSTEIN, L. (Orgs.). O lugar do projeto: no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.
- ARANDIA, A. K. **O Mercado de Trabalho nos tempos do Collor: um aumento dos “descamisados”**. Indicadores Econômicos FEE , v. 19, p. 132-141, 1991.
- ARGAN, G.C. **Sobre a tipologia em arquitetura**. In: NESBITT, K. (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Coleção Face Norte Cosac Naify, São Paulo, 2004.
- AMPHOUX, P.; THIBAUD, J-P.; CHELKOFF, G. **Ambiances en Debats**. Grenoble: A la croisée, 2004.
- AUGOYARD, J-F. **A comme Ambiance(s)**. In: Les Cahiers de la Recherche Architecturale et Urbaine, 2007.
- AZEVEDO, M. H.; MOURA FILHO, M. B. **A fotografia como documento da história das cidades**.
- BENJAMIN, W. **Escavar e lembrar** In: Obras Escolhidas. v. 2, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOGÉA, M.; ALMEIDA, E. **Esquecer para preservar**. Arqtexto, UFRGS, v 15, 181-209, 2009.
- BOUTINET, J-P. **Anthropologie du Projet**. 7ª edição. Paris: PUF, 2003.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
- BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Testemunha ocular: história e imagem**. EDUSC, São Paulo, 2017.
- BRILLAT-SAVARIN, A. **Physiologie du goût**. Julliard, 1965.
- CADIOU, F. *et all.* **Como se faz a História: Historiografia, método e pesquisa**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.
- CARTA DE BURRA. Disponível em:  
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>  
Acesso em: 20 Abr 2021.
- CASTRO, F. F. **A Cidade Sebastiana: Era da borracha, memória e melancolia numa Capital da periferia da modernidade**. Belém, Edições do Autor, 2010.
- CHAVES, C.; DIAS, R. Fenomenologia da Arquitetura: percebendo o espaço, criando o lugar. In: **Percepção do Ambiente Construído: Por mais humanização em Arquitetura e Urbanismo**. 1. ed. Belém: Paka-Tatu, 2021. v. 1, cap. 4, p. 63-76. ISBN 978-65-86038-34-7.
- COSTA, M. Da S. **Trabalho Informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira**. Caderno CRH, Bahia, v. 23, n. 58, p. 171-190, jan./abr.2010.

- CLIFFORD, J. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- DE BIASE, A. **Aljava com flechas pontiagudas debaixo do braço- a tradução entre narração e interpretação.** JACQUES, Paola B; BRITTO, Fabiana D (org). Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea III Alteridade Imagem Etnografia. Salvador: EDUFBA, 2015.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.
- DUARTE, C. R.; BRASILEIRO, A.; SANTANA, E. P.; PAULA, K. de; VIEIRA, M.; UGLIONE, P. O projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise das ambiências. **O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo (artigo da versão revisada)**, Rio de Janeiro, 2005.
- DUARTE, C. R.; COHEN, R.; SANTANA, E.; BRASILEIRO, A.; PAULA, K.; UGLIONE, P. **Explorando as ambiências: Dimensões e Possibilidades Metodológicas na Pesquisa em Arquitetura.** Colloque International Faire une ambiance. Grenoble, 2008.
- DUARTE, C. R. De S. **Percursos, escritas e novos olhares para o pesquisador em Arquitetura.** In TANGARI, V. Et al. (Org.). **A pesquisa em arquitetura: caminhos e porosições.** Rio de Janeiro: Proarq-UFRJ, 2010.
- DUARTE, C.; COHEN, R.; BRASILEIRO, A. De B. H.; SILVA, O. L. De S. (Org.). **Metodologia para diagnósticos de acessibilidade em centros urbanos: Análise da Área Central da Cidade do Rio de Janeiro.** Assis/SP: Triunfal Gráfica e Editora, 2013.
- DUARTE, C. R. de S. e PINHEIRO, E. **ARQUItvidades e subjeTETURAS.** Metodologia para a análise sensível do lugar / 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rio Books. Programa de Pós Graduação em Arquitetura – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROARQ – FAU-UFRJ, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Imagine uma tarde chuvosa...** pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. In: Anais... 6 PROJETAR. Salvador, nov. 2013.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico.** Lisboa: Vega, 1992.
- DURÃES, B. J. R. **Trabalho Informal: um paralelo entre os trabalhadores de rua da cidade de Salvador no século XIX e no século XXI.** In: Caderno CRH, Salvador, n.37, p.289-308. jul./dez. 2002.
- ECO, U. **Obra Aberta: Forma e Indeterminação nas Poéticas Contemporâneas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. **Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana.** Porto Alegre: Marcavisual, 2013.
- FERRARA, L. D. **Leitura sem Palavras.** São Paulo, Palas Atena, 2000.
- FREHSE, F. **O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- FILGUEIRAS, L. A. M.; DRUCK, G.; AMARAL, M. F. do. **O Conceito de informalidade: um**

- exercício de aplicação empírica.** In: Caderno CRH: Revista do Centro de Recursos Humanos da UFBA. v.17, n.41. p. 211-229, Mai./Ago. 2004. Salvador: UFBA, 2004.
- GODOY, R de. O Tangível também pode ser “invisível”: reflexões acerca de bens culturais na cidade de Belém. In: **Cultura, Sociedade e Espacialidades na Amazônia**. 1. ed. Belém: NUMA, 2020. v. 1, cap. 7, p. 105-120. ISBN 978-65-88151-03-7.
- GOLDMAN, M. **Os tambores dos antropólogo:** Antropologia pós-social e etnografia. PontoUrbe, ano 2, versão 3.0, julho, 2008.
- GEERTZ, C. **Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, LTC, 2019.
- HEARN, F. **Ideas que han configurado edificios.** (El método racional de diseño). Barcelona: Gustavo Gili, 2007.
- HEIDEGGER, M. **The Age of the World Picture.** New York, Haper & Row, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Ser e tempo.** Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.
- JACOBS, M. **The Production of Mindscapes.** A Comprehensive Theory of Landscape Experience. Dissertation Wagenigen University, 2006.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** Tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- JACQUES, P. B. **Estética da Ginga:** a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oitica. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.
- JONES, C. **Informe sobre la situación de la metodología del diseño.** In: Broadbent, G. Metodologia del diseño Arquitectonico. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.
- JESUS, C. R. **A geografia urbana do camelô belo-horizontino.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2011.
- KOSSOY, B. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** Cotia, SP:Ateliê Editorial, 2002.
- KREIN, J.D.; PRONI, M. W. **Economia informal:** aspectos conceituais e teóricos. Escritório da OIT no Brasil. - Brasília: OIT, 2010.
- LACERDA, F. G.; SARGES, M. de N. **De Herodes para Pilatos:** violência e poder na belém da virada do século XIX para o XX. **Projeto História**, São Paulo, ed. 38, p. 165-182, Junho 2009.
- LEFEBVRE, H. **La production de l'espace.** 4ª ed. Paris: Anthropos, 2000.
- LEITE, M. M. **“Retratos de Família”.** 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- LE BRETON, D. **Antropologia dos Sentidos.** Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003.
- LEVIN, D. M. **Decline and Fall – Ocularcentrism in Heidegger's Reanding of the History od Metaphysics,** 1993.
- LIMA, ABM., org. **Ensaio sobre fenomenologia:** Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus, BA: Editus, 2014.
- LOW, S. M.; **The Antropology od Space and Place. Locating Culture.** Bodmin, Cornwall, UK: MPG

Books, 2003.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARCUS, G. E.; CUSHMAN, D.; Las etnografías como textos. In: CLIFFORD, J. Y otros. **El surgimiento de la antropología posmoderna**. Compilación de Carlos Reynoso. Barcelona: Gedisa, 4ª ed. 1998.

MARTÍ, C. **Las variaciones de la identidad**. Ensayo sobre el tipo em arquitectura. Milão, 1993.

MAUAD, A. M. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografia**. Niteroi: EDUFF, 2008.

MELO, N.R.de. **Pelos percursos da acessibilidade: afeto e apropriação nas ambiências de uma cidade histórica**. Estudo de caso em Ouro Preto, MG. Dissertação (Metrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. **[Con]viver e [trans]formar pela ambiência**. Metodologias para o espaço construído. Cristiane Rose Duarte; Ethel Pinheiro. *Arquitividades Subjeturas. Metodologias Para a Análise Sensível do Lugar*, Rio Books; Editoria Proarq, pp.137-153, 2019.

MENESES, U. T. B. de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 5ª ed – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

\_\_\_\_\_. **L'Oeil et l'esprit**. Paris: Gallimard, 1964.

MOLLIER, J-Y. **Camelô: Figura Emblemática da Comunicação**. São Paulo: EDUSP, 2009.

MORAES FILHO, E. D. **Georg Simmel**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

NORBERG-SCHULZ, C. **Existence, Space & Architecture**. London. Praeger publishers, 1971.

\_\_\_\_\_. **Architecture: Meaning and Place**. Londo. Rizzoli, 1988.

O'NEILL, E. **Eugène Atget e a Fotografia como ação**. Florianópolis: ANPAP/UEDESC, 2007.

PAIVA, E. F. **Histórias&Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

\_\_\_\_\_. **Habitar**. São Paulo, Gustavo Gili, 2017.

PEREIRA, R. B. **Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy**. 2008. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PELLINI, J. R. **Uma conversa sobre Arqueologia, Paisagem e Percepção com Robim o Bom Camarada**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 19, p. 21-37, 2009.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia e os Sentidos**. Entrando na Toca do Coelho. Curitiba: Primas, 2016.

PINHEIRO, P. E. A **«Haussmannização» e sua difusão como modelo urbano no Brasil**. V Seminário de História da cidade e do urbanismo. FAU - Rio de Janeiro, 2007.

PROUST, M. **Du côté de chez Swann**. Paris, 2018.

RHEINGANTZ, P. A.; CARVALHO, R. S.; VARGAS, C. R. A.; VIANA, L. Q.; ALCANTARA, D.;

MARTINS, V. R.; ANGOTTI, F. B. **Qualidade do lugar e cultura contemporânea: tecendo**

- controvérsias em coletivos urbanos na atualidade.** In: RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, Rosa. (Org.). *Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: controvérsias e ressonâncias em ambientes urbanos*. 1ed. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / FAU / PROARQ, 2012, v. 1, p. 17-31.
- RIBEIRO, R. F. **Arquitetura Moderna e Modernização em Belém:** um estudo do Edifício Manuel Pinto da Silva. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2019.
- RICOEUR, P. **Leitura 2:** a região dos filósofos. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- SANTAELLA, L. **A percepção: uma teoria semiótica.** São Paulo: Experimento, 2012.
- SANTOS, L. C. S. dos. **publicIDADE na Belle Époque:** A mídia impressa nos periódicos de Belém entre 1870-1912. Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Centro de História Social, São Paulo, 2010.
- SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote II.** Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- SARGES, M. de N. **Belém:** riquezas produzindo a belle-époque (1870- 1912). Belém do Pará: Paka-Tatu, 2002.
- SEGAUD, M. **Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar.** São Paulo: Edições SESC, 2016.
- SERRES, M. **Os cinco sentidos: Filosofia dos corpos misturados.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SILVA, L. de Je. D. **Pedra Redes e Malha na Circulação de Pescado do Ver-o-Peso ao Meio Urbano de Belém do Pará.** Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Percepção do Ambiente Construído:** Por mais humanização em Arquitetura e Urbanismo. 1. ed. Belém: Paka-Tatu, 2021.
- SILVA, L. O. M. da ., & DUARTE, C. R. de S. **Ambiências urbanas no behaviorismo espacial e na fenomenologia da percepção.** *Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online)*, 18, 1-15, 2020.
- SILVEIRA, F. L. A. da. **Quando uma resenha encontra o si-mesmo do resenhador, apontamentos muito pessoais sobre um catálogo.** *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 291-299, dec, 2018.
- SCHUBACK, M. S. C. **O começo de Deus:** a filosofia do devir no pensamento tardio de F.W.J. Schelling. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SOLÁ-MORALES, I. **Diferencias. Topografía de la Arquitectura Contemporánea.** Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- THIBAUD, J-P. **La méthode des parcours commentés.** In: GROSJEAN, Michèle; THIBAUD, J-P. (Org.). *L'Espace Urbain em Méthodes*. Marseille: Éditions Parenthèses, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Contextualisations sensibles de la ville.** In: LEROUX, Martine et al. (orgs). *Compositions sensibles de la ville: Ville émergente et sensorialité*. Grenoble: CRESSON, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Espaces publics et cultures urbaines.** Paris: Certu, 2002.
- \_\_\_\_\_. Aula Inaugural. In: THIBAUD, Jean-Paul. **Curso de Extensão "Arquitetura, Subjetividade e Cultura":** Pensando ambiências pela subjetividade. Rio de Janeiro: UFRJ, 1 jun.

2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRRK6j904864&t=1345s>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.
- URIARTE, U. M. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. PontoUrbe, ano 11, 2012.
- VELHO, G. **Um Antropólogo na Cidade**: Ensaios de Antropologia Urbana. Seleção e apresentação: Hermano Vianna, Karina Kuschnir e Celso Castro. Zahar: Rio de Janeiro, 2013.
- VENTURI, R. *Complexity and contradiction in architecture*: selections from a forthcoming book. *Perspecta*, New Haven, 1977.
- WAISMAN, M. **O Interior da História: Historiografia Arquitetônica para uso de Latino Americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- WHITE, E. **O Flâneur**: um passeio pelos paradoxos de Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ZUKERKANDL, V. *Sound and Symbol – Music and the external world*. Princeton, 1958.
- ZUMTHOR, P. *Atmosferas. Entornos arquitetônicos - as coisas que me rodeiam*. Barcelona, Gustavo Gili, 2009.

## APENDICE A ENSAIO FOTOGRÁFICO SUBMETIDO PARA PUBLICAÇÃO

TÍTULO: “QUANDO O OLHAR ABRAÇA”

AUTORIA: EVERTON RONNIERY TAVARES SOUZA<sup>32</sup>

O presente texto<sup>33</sup> apresenta um estudo de percepção sensível sobre o trabalho, a sociabilidade e o parentesco atinentes ao trabalhador informal da Rua Conselheiro João Alfredo e Rua Santo Antônio, no centro comercial da cidade de Belém do Pará, espaço onde a atividade acontece com grande intensidade, assim como ocorre na maioria das cidades brasileiras. Essa área está localizada em pleno Centro Histórico de Belém (CHB), aqui sendo delimitado por essas duas vias contíguas sequenciais, as quais desde os primórdios, logo após a fundação da cidade, vieram a marcar sua configuração urbana ligando os dois primeiros bairros e abrindo a cidade para sua futura expansão. Ressalta-se que atividade de comércio informal se reflete em todo o seu entorno (Figura 1).



**Figura 1:** Localização da cidade de Belém do Pará, seu Centro Histórico, os dois primeiros bairros da cidade, as vias em estudo e as demais onde se situa o comércio informal no centro comercial.

Quem vai ao centro da cidade de Belém do Pará, o que é uma constante em outros tantos centros urbanos no Brasil, encontra um significativo número de comerciantes informais e suas barracas multicoloridas, num apelo à sedução dos transeuntes, dos quais muitos sucumbem e encontram uma

---

<sup>32</sup> Arquiteto e Urbanista (UNAMA), Designer (UNAMA), Mestrando em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFPA) – Instituto de Tecnologia (ITEC). Email: e.ronniery@gmail.com

<sup>33</sup> As fotografias aqui apresentadas foram captadas no período de agosto de 2020 a outubro de 2021 por Everton Ronniery Tavares Souza e compõem parte da sua pesquisa de mestrado, intitulada “Quando o olhar abraça: um *flâneur* experienciando as ambiências do comércio informal de Belém do Pará”, sob a orientação do Professor Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva (UFPA).

necessidade de adquirir os produtos expostos para a comercialização (figuras 2 e 3).



**Figura 2:** As barracas informais em meio aos casarões antigos da Rua Conselheiro João Alfredo.



**Figura 3:** O colorido das capinhas de celular com o icônico edifício Livraria Universal ao fundo.

As fotografias apresentadas a seguir foram captadas no período de agosto de 2020 a outubro de 2021 pelo mestrando em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, Everton Ronniery Tavares Souza. Elas compõem parte da sua pesquisa de mestrado já qualificada, intitulada “Quando o olhar abraça: um *flâneur*<sup>34</sup> experienciando as ambiências do comércio informal de Belém do Pará”, sob a orientação do Professor Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva.

Nesse ensaio há um recorte dessa pesquisa, a traduzir, iconograficamente a percepção sensível sobre o trabalho, a sociabilidade e o parentesco atinentes aos trabalhadores informais que ocupam essas vias do centro comercial, espaço onde a atividade acontece com grande intensidade, mas que no caso de Belém essa espacialidade que os abriga, está localizada em pleno Centro Histórico da cidade, tendo prédios históricos de grande valor patrimonial, entre casarios de estilos eclético e igrejas neoclássicas e/ou rococó a circundarem as barracas (figura 4 e 5).



**Figura 4:** A imponente Casa Paris N'América envolvida pelas lonas brancas da informalidade.

---

<sup>34</sup> Conceito adotado pelo autor Edmund White em sua obra “Le Flâneur”. Diz respeito a quem deambula pela cidade sem compromisso aparente, mas está atento a história e aos lugares por onde passa.



**Figura 5:** A Igreja da Mercês emoldurada pelo comércio informal

Fica muito explícito que o trabalhador informal das ruas pesquisadas *é o resultado das suas necessidades, da falta de oportunidade e o resultado da sua vontade. Não só estabelecem no comércio informal a sua própria identidade, mas também um retrato específico da economia e a situação social no país.* Podendo-se afirmar que certamente o cotidiano no centro de Belém, em particular nas Ruas Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo, não seria o mesmo sem a atividade dos trabalhadores de rua (figura 6).



**Figura 6:** O vendedor de máscaras arrumando sua banca.

Além do que já foi citado, consideramos um objetivo crucial deste ensaio a sensibilização. Sensibilizar porque “insere uma análise do ser humano e sua relação básica com o mundo interno, que se apresenta, frente ao mundo externo que o circunda” (DUARTE e PINHEIRO, 2019, p.125), claro que essa análise perpassa pelo crivo da observação de muitos atores sociais envolvidos nesse processo. Já por meio da compreensão dos estudos de Agier (2011, p.2), perceberemos a cidade do “ponto de vista dos cidadãos, por sobre os ombros deles, deslocando assim o olhar da cidade para as pessoas que vivem, sentem e fazem a cidade” (figura 7).



**Figura 7:** “Olha a água!”

Em Belém do Pará, os personagens da informalidade se mantêm bem representados ao longo da história local no centro histórico até os dias atuais. Eles são protagonistas de uma das maiores adversidades que as sucessivas gestões anteriores da prefeitura tentaram, sem sucesso, solucionar, uma vez que, a informalidade gera desconforto não somente aos donos de estabelecimentos comerciais do centro histórico, mas também ao poder público e à sociedade, sendo carregada de uma necessidade de reestruturação e revitalização desse espaço urbano (figuras 8 e 9).



**Figura 8:** O carregador de mercadorias pela esguia Rua de Santo Antônio.



**Figura 9:** O patrimônio arquitetônico deteriorado.

sobreviver, escoar suas mercadorias e sempre renovar suas operações comerciais informais, as quais tem nas embarcações fluviais e seus tripulantes, seus passageiros que vêm das ilhas e vários recantos, através dos rios caudalosos, como aliados e grandes consumidores, pois essa mesma tipologia, aí encontrada, repete-se nas cidades ribeirinhas da Amazônia, onde sempre se encontra um porto, uma feira e muitos trabalhadores de rua na informalidade comercial (figura 10 e 11).



**Figura 10:** Tempo de Círio de Nazaré.



**Figura 11:** Dez reais!.

Ao falarmos de sociabilidade e parentesco no caso deste artigo, estamos intimamente ligados ao modo de falar do paraense, que vez ou outra chama para alguém próximo, de “mano”, “maninho” ou “maninha”. Além de demonstrar intimidade, esse termo faz com que, quem seja o chamado, se sinta próximo e chegado. Isso também é encontrado com certa frequência no comércio informal como uma forma de “conquistar” o freguês. Ou seja: quanto mais ele se sentir à vontade e próximo da mercadoria

e do mercador, maior a possibilidade da venda, e isso é visto nos vendedores de comidas típicas e nos de roupas (figuras 12 e 13).



**Figura 12:** Caminhando entre os trilhos da Rua João Alfredo.



**Figura 13:** Barraca de comidas típicas.

É primordial que a cidade de Belém mantenha acesa a vitalidade no seu centro histórico e isso se confunde com a vivacidade de seu comércio; não só o seu comércio tradicional formal, mas também o comércio informal com seus comerciantes informais aqui denominados trabalhadores de rua, que criaram seu modo próprio de realizar seu trabalho oferecendo produtos diversificados e expostos

estrategicamente, os quais as pessoas, na qualidade de transeuntes, observam ao passarem por uma banca ou um boxe e muitas das vezes não resistem e param para dar uma olhada e nesse momento permitem a atuação de um expert em venda, que faz uma abordagem usando a linguagem regional ou nativa, como “maninho”, “maninha”, dentro outras e a conquista do freguês está consolidada, culminado com mais uma venda e consequentemente a longevidade desse comércio nas vias públicas (figura 14).



**Figura 14:** Entre casarões, barracas, histórias e memórias.

## **REFERÊNCIAS**

AGIER, Michel. **Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização**. Mana, v.7, nº2 , Rio de Janeiro, p.7-33. 2001.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira e PINHEIRO, Ethel. **ARQUITividades e subjeTETURAS**. Metodologia para a análise sensível do lugar / 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rio Books. Programa de Pós Graduação em Arquitetura – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROARQ – FAU-UFRJ, 2019.

## **APENDICE B**

### **ARTIGO SUBMETIDO PARA PUBLICAÇÃO**

#### **PERCEPÇÃO SENSÍVEL DO TRABALHO DE RUA: SOCIABILIDADE, PARENTESCO E INFORMALIDADE COMERCIAL EM VIAS DO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM DO PARÁ.**

Everton Ronniery Tavares Souza<sup>35</sup>  
Luiz de Jesus Dias da Silva<sup>36</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Expostos em um mostruário rudimentar, diretamente no chão ou em uma banca de madeira, mas na maioria das vezes apresentados suspensos em cordões improvisados e presos com pregadores de roupas, esses opúsculos expressam à sua maneira a capacidade de resistir ao tempo” (MOLLIER, 2009, p.16).

O presente ensaio<sup>37</sup>, apresenta um estudo de percepção sensível sobre o trabalho, a sociabilidade e o parentesco atinentes ao trabalhador informal da Rua Conselheiro João Alfredo e Rua Santo Antônio, no centro comercial da cidade de Belém, espaço onde a atividade acontece com grande intensidade, assim como ocorre na maioria das cidades brasileiras; mas que no caso de Belém essa espacialidade que os abriga, está localizada em pleno Centro Histórico da cidade (Imagem 01), aqui sendo delimitado para efeito da pesquisa, por essas duas vias contíguas sequenciais, as quais desde os primórdios, logo após a fundação da cidade, vieram a marcar sua configuração urbana ligando os dois primeiros bairros, abrindo a cidade para sua futura expansão.

A pesquisa surge e se justifica, portanto, com o objetivo de observar, entender e responder de que maneira a atividade dos trabalhadores de rua está inserida e se relaciona com o espaço público? (Imagem 02) Já a relação de parentesco existente entre muitos desses sujeitos sociais, bem como a relação de sociabilidade que reina entre eles e com o público consumidor de seus produtos, são objetivos secundários a serem alcançados. Além disso, buscaremos compreender o contexto no qual a atividade dos trabalhadores de rua nasce e se torna expressivo espacialmente na cidade, a ponto de o tema ser inserido nas políticas públicas do Estado sob a

---

<sup>35</sup> Arquiteto e Urbanista (UNAMA), Designer (UNAMA), Mestrando em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFPA) – Instituto de Tecnologia (ITEC). Email: e.ronniery@gmail.com

<sup>36</sup> Arquiteto e Urbanista (UFPA), Doutor em Antropologia Urbana (PPGSA/IFCH/UFPA), Mestre em Arquitetura (PROARQ/UFRJ), Professor Associado da FAU/ITEC/UFPA. Email: ljesusds@hotmail.com

<sup>37</sup> Texto incluso no capítulo 1 da dissertação de mestrado do autor 1, no Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/UFPA, orientado pelo autor 2.

forma do planejamento do espaço, o qual reconhece a problemática social e busca formas de conciliar os diferentes interesses do lugar.

**Imagem 01:** Comércio Informal na Rua Conselheiro João Alfredo, esquina com a Travessa Frutuoso Guimarães.  
**Fonte:** Everton Ronniery, 2020.



**Imagem 02:** Comércio Informal na Rua Conselheiro João Alfredo, próximo à Avenida Portugal.  
**Fonte:** Everton Ronniery, 2020.



Falar do comércio informal é falar de “algumas pessoas que são transparentes para nós” (GEERTZ, p.10, 2019). Todavia, é significativo que um indivíduo seja uma incógnita para o outro, despertando o interesse de se situar no espaço dele. O desejo pelo tema da informalidade e outros correlacionados, deu-se, principalmente, porque houve, a partir de relativa observação, um instigante envolvimento gradativo na composição do mercado de trabalho urbano e em processos mais amplos de redefinição dos empregos formais, "crises de emprego" e desemprego estrutural, o que leva a criativos modos de empreender e gerar renda aos trabalhadores, movidos pela busca da satisfação de necessidades básicas humanas, e para isso muitos se associam com parentes, tanto pela confiança como pela oportunidade de beneficiá-los. Tudo isso envolto com uma relação que vai além da pura comercialização, no trato entre si e com os demais sujeitos envolvidos nessa trama social. Portanto, estudar a informalidade é estudar a própria modernidade na sociedade e suas questões sociais (DURÃES, 2002).

Para além das motivações que levaram essas pessoas a realizar suas atividades de trabalho expostas aos olhos de todos, é importante também entender quem são elas, suas histórias, suas atividades, relações sociais e estratégias de trabalho, questões que serão abordadas de modo mais intenso na parte prática da pesquisa numa próxima etapa, ainda por vir na dissertação de mestrado do autor 1, com aplicações de questionários, etnografia e produção de táticas que complementem a descrição das ambiências (MAGNANI, 2002).

Além do que já foi citado, consideramos um objetivo crucial deste ensaio a sensibilização. Sensibilizar porque “insere uma análise do ser humano e sua relação básica com o mundo interno, que se apresenta, frente ao mundo externo que o circunda” (DUARTE e PINHEIRO, 2019), claro que essa análise perpassa pelo crivo da observação de muitos atores sociais envolvidos nesse processo. Já por meio da compreensão dos estudos de Agier (2011), perceberemos a cidade do “ponto de vista dos cidadãos, por sobre os ombros deles, deslocando assim o olhar da cidade para as pessoas que vivem, sentem e fazem a cidade”.

## **A COMPREENSÃO DOS NOVOS MODOS DE LER A REALIDADE COMPLEXA DA ANTROPOLOGIA NA CIDADE.**

A compreensão do mundo contemporâneo sempre foi um desafio provocador para a antropologia, despertando naturalmente várias especialidades, várias linhas de pesquisas e a definição das divisões e a distância entre elas que têm mudado a própria prática antropológica.

Michel Agier (2001) nos fala sem hesitação: “(...) não há duas antropologias, mas sim maneiras diferentes de fazer antropologia com objetos diferentes e, portanto, campos diferentes, maneiras de pesquisar diferentes” (p.192). Portanto, a antropologia da cidade pode transcender o âmbito da antropologia urbana e atingir um leque mais amplo de pensamentos antropológicos,

enriquecendo o próprio sujeito na teoria e na metodologia, enredando filosofia, arte e estudos críticos da arquitetura e urbanismo (JACQUES, 2011).

Através dos estudos de Agier, identificamos o desafio de pensar a antropologia urbana relacional a partir do espaço marginal e frágil em diferentes contextos, nas mais variadas relações, práticas e experiências que existem em uma única situação, ainda que “nem todas as formas urbanas apresentam as mesmas potencialidades relacionais, facilitando, algumas mais que outras, uma apropriação do espaço público pelos habitantes” (p.109), onde percebemos que há uma variedade de lógicas urbanas no mundo social. As pessoas também "criam cidades" no espaço intermediário, domínios, lealdade e valores comuns e diferentes (ou seja, outras formas de agir e compreender a cidade), afinal, cidades não podem ser previstas, apenas vividas e imaginadas por aqueles que a fazem.

## **AS ORIGENS DA ECONOMIA INFORMAL**

É importante refletir quanto à gênese da economia informal, suas principais características, métodos e mudanças vivenciadas no entendimento dessa informalidade nas últimas décadas e, a partir daí, observar as relações sociais, de parentesco e explorar também as mudanças ocorridas no mundo do trabalho contemporâneo. Para Costa (2010), a informalidade decorre da noção de subdesenvolvimento, que visa explicar a situação em que os menos populares não são incluídos no processo produtivo quando os salários não são altamente generalizados.

Costa (2010) nos diz que: “o trabalho informal pode ser conceituado como o trabalho que não é restringido pela ordem jurídica nacional do trabalho, e a sociedade até estabelece sua política de seguridade social sobre ele”. Nesse sentido, a política de segurança formulada pelo Estado visa apenas aos trabalhadores oficialmente reconhecidos, o que para o autor é “cidadania regulamentada”, ou seja, aquelas adquiridas apenas por pessoas enquadradas dentro da estrutura determinada e reconhecida pelo Ministério do Trabalho. Identidade. empregos. É preciso ressaltar que a crise de desemprego que atinge o Brasil é importante para o fortalecimento da informalidade, mas não é o fator decisivo para sua existência. (JESUS, 2011).

A divisão da economia em formal e informal para Filgueiras et al. (2004), além de ser uma classificação muito simplista, vincula o setor informal às camadas mais pobres da população, independentemente da forma de inserção dos trabalhadores na produção. Os autores destacam a possibilidade de distinguir os espaços econômicos e sociais por meio de dois critérios distintos, que deram origem a três conceitos informais distintos (ambulante, camelô e

trabalhador de rua). O primeiro padrão distingue entre formal e informal por meio de sua lógica operacional, e o segundo padrão define a diferença entre os dois com base na legalidade e ilegalidade das atividades.

Filgueiras et al. (2004) chamaram a atenção para o fato de que, desde a Segunda Guerra Mundial, a informalidade no Brasil tem sido muito ativa, período que coincide com a aceleração da industrialização do Brasil. De acordo com Costa (2010), a rápida urbanização nas décadas de 1960 e 1970 não foi capaz de absorver os indivíduos que imigraram para as cidades. As atividades capitalistas se expandiram e substituíram as atividades tradicionais, mas não foram capazes de criar empregos na mesma proporção em que as vagas foram destruídas. Esse processo levou à criação de novas formas de trabalho informal e ao próprio desemprego. Embora de acordo com Krein e Proni (2010), o termo “economia informal” seja uma referência desenvolvida pela Organização Mundial do Trabalho (OIT), mas que não tem sido amplamente utilizado no Brasil. Assim, para os autores deste artigo, continuará a existir o termo informalidade, que é o mais utilizado no debate nacional. Nesse sentido, uma das conclusões a que se chega é que a principal característica da informalidade é a de que a inserção no mercado de trabalho é perigosa, o que se deve principalmente à falta ou risco das legislações trabalhistas e sociais.

Em Belém do Pará, os personagens da informalidade se mantêm bem representados ao longo da história local no centro histórico até os dias atuais. Eles são protagonistas de uma das maiores adversidades que as sucessivas gestões anteriores da prefeitura tentaram, sem sucesso, solucionar, uma vez que, a informalidade gera desconforto não somente aos donos de estabelecimentos comerciais do centro histórico, mas também ao poder público e à sociedade, sendo carregada de uma necessidade de reestruturação e revitalização desse espaço urbano.

## **ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E PARENTESCO**

Quem vai ao centro da cidade de Belém, o que é uma constante em outros tantos centros urbanos no Brasil, encontra um significativo número de comerciantes informais nos caminhos e trajetos, diversos, que separam os pontos de chegada dos transportes coletivos ou particulares e os pontos fixos comerciais formais, num apelo à sedução dos transeuntes, dos quais muitos sucumbem e encontram uma necessidade de adquirir os produtos expostos para a comercialização.

Ao falarmos de sociabilidade e parentesco no caso deste artigo, estamos intimamente ligados ao modo de falar do Paraense, que vez ou outra chama para alguém próximo, de “mano”, “maninho” ou “maninha”. Além de demonstrar intimidade, esse termo

faz com que, quem seja o chamado, se sinta próximo e chegado. Isso também é encontrado com certa frequência no comércio informal como uma forma de “conquistar” o freguês. Ou seja: quanto mais ele se sentir à vontade e próximo da mercadoria e do mercador, maior a possibilidade da venda. Isso nos remete as ideias antropológicas de Levi-Strauss (1982) quanto ao significado de parentesco, já que o autor reconhece e defende que parentesco vai muito além da consanguinidade, expressando que as afinidades também são uma forma de aliança. No entanto essa comercialização de rua é revestida de um tratamento especializado, fazendo com que a interação social entre vendedor e comprador vá além da simplicidade capital envolvida, tornando-se relações sociais aprofundadas. Um tipo de interação social onde as pessoas criam amizade, confiança, e que se diferenciam da socialização superficial empreendida natural entre pessoas, são relações mais intensa e duradouras entre agentes diversos, conceituadas por Simmel como sociabilidade. (SIMMEL, 2006).

Fato semelhante é encontrado nas feiras e mercados, onde as categorias de comerciantes informais tentam atrair os seus fregueses adicionando à comercialização, um tratamento temperado com anedotas, conversas, por vezes longos diálogos, sobre futebol, política, moda, sobre os produtos, o tempo, dentre outros tantos, que normalmente vão resultar numa amizade duradoura que se desdobra na simpatia mútua e na fidelidade do freguês, que volta outro dia para comprar ali, dessa vez porque sente vontade de estar ali participando dessa confraternização comercial, como é percebido por Silva e Chaves (2021, p. 23), que corroboram com essa premissa.

Do mesmo modo, os comerciantes ou feirantes que com o tempo estreitam os laços e tornam-se familiares, podendo estabelecer confiança mútua, trazendo assim certo conforto de não haver engano de um para o outro e mais ainda, de que aquela relação comercial passe para um contrato social mais intenso pela vontade de estar perto, pela agradável presença nesses lugares de compra, venda e repleto de sociabilidade (SILVA; CHAVES, 2021, p. 23).

São muitos os fatos observados nas incursões de campo empreendidas pelos pesquisadores, no centro comercial de Belém, onde a sociabilidade está presente a caracterizar essa comercialização de rua que só pode ser realizada se houver todas as condições favoráveis para tal feito, dentre as quais a boa localização do box no caminho dos pedestres transeuntes, a boa exposição dos produtos para seduzir os potenciais compradores e a sociabilidade perpassando, como um ingrediente adicional que não só garante a venda do momento como as futuras, garantindo a perenidade dessa atividade urbana que se sucede no meio urbano, em muitas gerações de comerciantes informais, nas quais estão sempre presentes as relações de parentesco, que garantem essa perenidade.

Os comerciantes informais se caracterizam oficialmente por serem marginalizados

quanto à ocupação de postos de trabalhos oficiais e nesse sentido são invisibilizados pelo poder público, sem os direitos sociais e trabalhistas normalmente adquiridos pelos trabalhadores formais. Não tem férias, nem horários rígidos a cumprir e muitos desse atores sociais formam verdadeiras redes sociais envolvendo parentes nas atividades, as quais empreendem, como nos casos descritos na sequencia textual.

O José Lima, por exemplo, que tem uma banca de café instalada, por cerca de 14 horas, na Avenida Portugal, próximo à Rua 15 de Novembro, em todas noites, madrugadas e manhãs, de segunda a sábado, das 18h às 8h do dia seguinte, trabalha com a esposa, três filhos, uma nora, um irmão e três sobrinhos, além de um afilhado; fazendo um revezamento com esse grupo. Sua esposa Bel, sua nora Jane e seu filho Aldo, ficam de 18h até 20 horas, “seu” Zé, como é mais conhecido, seu irmão Mário, seu afilhado Kaio e seu filho Júnior: “pegamo oito horas (às 20 horas) e *vamo* (sic) até de manhã, quando encerra, aí, todo o movimento” (José Lima, 58 anos, junho de 2015), de modo a atender um público diversificado, conforme o horário de atendimento. O outro filho, os sobrinhos e o afilhado do seu Zé não têm regularidade e trabalham mais na entrega de café nas embarcações e em outros locais, todos recebem diárias.

A banca do “seu” Zé, é fisicamente composta de um carrinho prismático medindo um metro e vinte centímetro de comprimento por oitenta centímetro de largura e um metro de altura, com um anteparo de trinta centímetro de altura, como uma tábua na parte que fica para a frente, onde as pessoas são atendidas que funciona com um certo isolamento, é estruturado em madeira, revestido externamente com chapa de alumínio e possui uma prateleira em baixo do tampo e uma gaveta, onde é colocado o dinheiro arrecadado. Na base do carrinho balcão, aqui denominado de banca, existem autor rodinhas de rolimã e duas travas, semelhantes ao frio de uma bicicleta, guardadas as proporções.

Logo após as 18h, o público é formado principalmente por comerciários, que saem das lojas do entorno no finalzinho da tarde, em seguida aos trabalhadores que auxiliam aos comerciantes de rua a guardarem as mercadorias nos muitos casarões ecléticos, que servem de depósitos e esses mesmos trabalhadores na manhã seguinte vão estar presentes na banca de café, quando buscam as mercadorias que guardaram na tarde anterior e as levam para os boxes dos seus clientes, comerciantes informais.

Já pela parte da noite, o “seu” Zé e sua equipe, vão servir café aos trabalhadores que auxiliam no início dos trabalhos necessários ao funcionamento do entreposto pesqueiro do Ver-o-Peso, conhecido como Pedra de Peixe<sup>38</sup> que durante toda madrugada garante o consumo

---

<sup>38</sup> Porto localizado à beira da Baía do Guajará, na doca do Ver-o-Peso, o qual é o único entreposto pesqueiro da Cidade de Belém e que recebem as embarcações pesqueiras a trazerem o pescado para abastecer a

na banca do seu Zé, pois os trabalhadores da Pedra bebem muito cafezinho puro para se manterem “espertos” como eles declaram, mas também fazem lanche a base de café com leite.

A partir de 23 horas o movimento aumenta bastante e nesse momento há um desdobramento dos trabalhadores da banca do seu Zé, pois há entrega de café completo, ou com outros compostos<sup>39</sup>, bem como cafezinho nas embarcações, movimento esse que só diminui por volta de 6h da manhã, quando a equipe atende ainda aos trabalhadores da Pedra, que nesse instante estão encerrando seus trabalhos ao tempo em que surge um novo público, formado pelos trabalhadores da feira do Ver-o-Peso, das lojas, os guardadores de mercadorias dos comerciantes de rua e os próprios comerciantes de rua, indo até por volta das 8h da manhã. Quando se aproxima essa hora, seu Zé desarma sua banca, pois ela fica instalada em frente uma loja, que fecha suas portas às 18h e as abre às 8h do dia seguinte. Nesse momento as panelas, o botijão de gás e o pequeno fogão são guardados no interior da banca e outros utensílios com pequenas panelas, vasilhames de plástico e talheres são guardados em uma caixa que é levada junto com a banca por um dos guardadores que a leva para um dos depósitos das proximidades.

Muito dos comerciantes da Rua Conselheiro João Alfredo, bem como os da Rua Santo Antônio, assim como o seu Zé, tem essa tradição de trabalhar com parentes, embora seja comum ouvir de alguns desses atores sociais, que evitam trabalhar com seus filhos, a vontade de não ver seus descendentes nessa atividade e nesse caso, querem ver os filhos formados e trabalhando em uma profissão mais tradicional do mercado formal. Como é o caso do “Seu” Inácio, que se orgulha de ter formado os três filhos através de suas vendas numa banca próximo à Rua 7 de Setembro, esquina com a Rua Conselheiro João Alfredo: “meu filho, daqui (apontando para a banca em estrutura metálica onde expõe os óculos solares que vende) eu formei foi meus dois moleques. Não foi fácil! Fui me adaptando ao que mais vende e tô seguindo (Seu Inácio, 65 anos).

---

cidade, para venda por atacado nas madrugadas, para não concorrer com as vendas a varejo que ocorrem durante o dia no Mercado de Ferro ou Mercado de Peixe.

<sup>39</sup> Café completo é o conjunto formado por um copo de 180ml, de café com leite e um pão francês com manteiga e o composto é quando nesse conjunto o pão com manteiga vira um sanduiche onde o recheio pode ser ovo, queijo ou mortadela.

**Imagem 03:** Banca do “Seu” Inácio.

**Fonte:** Everton Ronniery, 2021.



### **QUE ESPAÇO É ESSE?**

Espaço é um termo que remete sempre a um campo que se precisa relativizar, no entanto o entendimento do espaço humano nos aproxima de um plano ou uma dimensão onde é possível realizar suas diversas atividades. “Entendemos o espaço como o meio utilizado, transformado, moldado e, portanto, construído pelas atividades humanas. É o produto das relações entre o homem – e estes entre si – e a natureza, sempre na perspectiva de atendimento das necessidades sociais (...)” (ROCHA, 2021, p.7).

Segundo Santos (1985), o espaço pode ser entendido como um fator evolutivo social que contém e é abarcado por outras instâncias. Portanto, a essência do espaço é social, não é composta apenas pela paisagem (estrutura geográfica), mas também por sua interação com a sociedade. Para Lefebvre (2000), o espaço não é um lugar passivo, porque no espaço as forças das relações sociais se opõem e a hegemonia de classe se sobrepõe a toda a sociedade. Para o autor, o espaço é antes de tudo um produto social, com características próprias de cada sociedade. Inclui as relações sociais organizadas de acordo com a divisão do trabalho, adequada à reprodução social, e os locais de relações de produção que produzem. A situação de produção e reprodução não pode ser separada porque a divisão do trabalho afeta a família e a sociedade,

ao contrário, as organizações sociais interferem na divisão do trabalho. Esse espaço contém representações de interferência entre as relações sociais (produção e reprodução), o que o torna mais complicado.

Para Santos (2008), “o centro” da cidade possui uma paisagem arquitetônica e cultural mais completa (Imagem 04), que constitui o principal polo da cidade, e muitos serviços e negócios estão concentrados em países subdesenvolvidos. Monopoliza todas as funções mais importantes da cidade. Muitos autores acreditam que à medida que ocorre o desenvolvimento urbano e novos centros são formados ou estabelecidos, os centros antigos ou tradicionais (centros que na verdade se formam com as cidades) se tornarão vazios ou sem importância.

**Imagem 04:** O comércio informal e os casarões históricos.

**Fonte:** Everton Ronniery, 2021.



A concentração de vários usos e serviços no centro o tornam um local muito atrativo e de fácil acesso que pode despertar o sentimento de pertença a quem o visita todos os dias. Portanto, costuma ser o local mais favorável para a comunicação na cidade, como a comunicação econômica, social e emocional. A relação expressa pelo centro será afetada pela maneira como todas as pessoas que frequentemente usam o espaço percebem e vivem no espaço e influenciam umas às outras. Ter em mente a importância da força gerada por este lugar é muito importante para entendermos a sua utilização pelos Trabalhadores de Rua.

O espaço público para Lefebvre (2000) é essencialmente um espaço social, que contém as manifestações das relações de classe estabelecidas pelo modo de produção atual. Da mesma forma, para Serpa (2007), que ao analisar o espaço público, vê a necessidade de ter em mente que forma e conteúdo são indissociáveis, e sua compreensão permeia todos os aspectos do “concreto” da esfera pública urbana. Jacobs (2011) também destacou que para manter uma rua viva é necessária diversidade, ou seja, a monotonia da habitação deve ser quebrada pela existência de múltiplas opções de comércio e atrativos culturais. Em tese, grandes cidades, empresas que produzem diversidade e incubadoras de novas empresas e novas ideias são mais fáceis de atingir esse objetivo. No entanto, isso acontece apenas quando há várias combinações eficazes de usos econômicos na cidade.

Na medida em que a ocupação do espaço público aqui analisado se dá por meio de trabalhos realizados na rua, vale destacar que essa abordagem se converte em um novo espaço de consumo e combina atividades formais e informais. Segundo Montessoro (2006), a existência de comércio de rua vai continuar a se expandir, especialmente na região do centro, porque o tráfego que afeta esta localidade leva a uma circulação mais intensa de pessoas.

## **AMBULANTE OU CAMELÔ?**

O termo camelô aplica-se a uma nova classe de negociantes essencialmente características das grandes cidades e em particular de Paris. Ativo, esperto, inteligente, o camelô geralmente tem verve e espírito suficientes para reunir a multidão em torno de seu modesto mostruário, que cabe inteiro em um pano estendido na calçada (MOLLIER, 2009, p.49).

Como devemos chamar esses trabalhadores informais? "Vendedor ambulante" ou "camelô"? O primeiro termo refere-se a pessoas que se deslocam para fornecer mercadorias ou fazer negócios. Portanto, dá-se a ideia de não se criar um ponto fixo de trabalho, pois a pessoa está sempre em movimento e não é o caso de investigação nesta pesquisa. O termo “camelô” começou a ser utilizado em 1869, conforme Mollier (2009), por Pierre Larrousse<sup>40</sup> no *Dictionnaire Universel du XIX Siècle*<sup>41</sup>. Nele, o termo refere-se ao “vendedor ambulante que empurra uma carreta com os braços e encurvando as costas, o que faz lembrar um camelo” (MOLLIER, 2009, p.49). Mollier dedica sua obra a este que seria um personagem familiar nas grandes cidades desde o século XIX. A rua, para este autor, preserva em si a função essencial de circulação de informações e mercadorias.

---

<sup>40</sup> Pierre Athanase Larousse foi um pedagogo e pedagogista, editor e enciclopedista francês.

<sup>41</sup> Muitas vezes chamado de *Grand Larousse du Dix-Neuvième*, é um dicionário enciclopédico francês.

Se as atividades dos vendedores ambulantes na França do século XIX foram importantes, então no mesmo período no Brasil, especialmente nas cidades de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, as atividades dos vendedores ambulantes eram parecidas com a anteriormente descrita, com a peculiaridade de estarem inseridas num contexto de uma economia ainda baseada na escravidão.

Uma vez apresentados os termos mais comumente utilizados para se referir aos trabalhadores de rua, cabe ainda justificar o uso do termo nesta pesquisa. A expressão “trabalhador de rua” é considerada como a forma mais simples de traduzir e remeter ao significado que se quer passar, de alguém que exerce uma atividade laboriosa nas ruas para dela tirar o seu sustento. O termo me parece também mais abrangente, pois pode ser utilizado tanto para aqueles que possuem pontos transitórios, quanto para aqueles que possuem pontos fixos na rua, que é o caso da Rua Santo Antônio e Rua Conselheiro João Alfredo.

A vivência da realidade do trabalhador informal oscila entre dois paralelos: conviver com os obstáculos e transformá-los em oportunidades. O primeiro paralelo ocasiona um posicionamento otimista, representado pelos fragmentos de discurso de alguns entrevistados que destacam os prós do seu ofício.

“A vantagem é que “nós” conhece muita gente e se diverte! A gente fala e brinca um com o outro quando vem o toró é um corre-corre aqui! E quando vem muito vento a gente segura a mercadoria. E assim a gente vai vivendo” (Entrevistado: Seu Assis, 43 anos – 22/01/2021).

“A vantagem que eu tenho é que eu sou o meu patrão. Abro e fecho a hora que eu quiser. Se eu tiver adoentada não preciso dar satisfação pra ninguém. O problema é que também não ganho nada.” (Entrevistada: Tônia, 39 anos – 22/01/2021).

Os méritos apontados pelos participantes chamaram a atenção por expressar as mesmas ideias de “liberdade” e “negócio próprio”. Esta é uma boa representação do paradoxo visual entre os setores formal e informal ocupados por vendedores ambulantes (PAMPLONA, 2013; JESUS, 2011). Os comerciantes informais acabam nos mostrando como podem contornar as barreiras trazidas pela nova estrutura de trabalho e expõe como estabelecem suas próprias atividades de trabalho, mesmo que a mudança traga limitações (PAMPLONA, 2013; WEIL e NOGUEIRA, 2016).

Dessa maneira, fica explícito que o trabalhador informal das ruas estudadas é o resultado das suas necessidades, da falta de oportunidade e o resultado da sua vontade. Não só estabelecem no comércio informal a sua própria identidade, mas também um retrato específico da economia e a situação social no país. O trabalhador de rua deve ser entendido muito mais que um personagem da informalidade. Ele é acima de tudo um cidadão sobrevivente do meio, que enfrenta muitas dificuldades no seu dia a dia, mas que sonha, persiste e vence.

## **QUE SIGNIFICADO TEM PARA A CIDADE O ESPAÇO DE COMERCIALIZAÇÃO NA RUA?**

Segundo Bouças (2015) para que uma pessoa defina seu próprio ponto de em algum lugar, os bens fornecidos devem ser aceitos pelas pessoas e há a necessidade de uma demanda. Conforme a demanda aumenta, o ponto pode ser determinado. Isso significa que a apropriação inicial aos poucos passa a ser um uso, e esse uso passa a ser uma conquista social por ser considerado um direito. Esse entendimento é ampliado principalmente quando o poder público passa a legislar sobre o assunto e a formular normas específicas para regulamentar o uso da via pública.

Diante do exposto pela autora, deve-se entender que a atividade dos trabalhadores de rua tem real importância para as questões sociais porque garante o sustento das pessoas que nela trabalham e, por conta do capital que giram, contribuem para o escoamento dos bens que também são produzidos. Podemos pensar que, quando o poder público impõe normas e regras sobre seu uso, a rua (como lugar de trabalho) fica mais tensa. No caso das atividades da Rua Santo Antônio e Rua Conselheiro João Alfredo percebe-se que essa tensão continua, principalmente porque as pessoas não querem trabalhar nas ruas sem movimento, ou seja, nas ruas onde não há possibilidade de venda. Sua necessidade de sobrevivência anula a ordem estabelecida. Desse modo, durante e após cada intervenção governamental, os locais onde as atividades não deveriam mais ser realizadas enfrentarão pressão e redistribuição constantes. Ou seja: o comércio de rua tem um significado muito forte tanto para a economia da cidade, quanto para o local no qual já está inserido.

Numa possível readequação por parte do poder público, o que se deve fazer é um estudo aprofundado com os próprios trabalhadores, assim como ouvir suas sugestões, questionamentos e necessidades, já que os mesmos são a peça-chave do estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que certamente o cotidiano no centro de Belém, em particular nas Ruas Santo Antônio e Conselheiro João Alfredo, não seria o mesmo sem a atividade dos trabalhadores de rua. A dinâmica criada por suas atividades e as diferentes instâncias de movimento na rua criam contradições ao mesmo tempo em que a enchem de vida. É como se os trabalhadores sentissem essa concentração da diversidade e a aproveitassem ao máximo, tornando-a mais dinâmica e ampliando as possibilidades do local. Por exemplo, essas pessoas podem ter dado uma contribuição significativa para a existência de tantos restaurantes e lanchonetes no centro, com custo até mais barato. Isso para citar apenas um dos diversos negócios que se beneficiam da atividade e se proliferam a partir dela.

Essa situação envolvendo tantas pessoas que participam dessa micro economia, entre os comerciantes informais, seus parentes, consumidores, lojistas formais - que muitas vezes os veem com concorrentes desleais - o poder público e a sociedade local, forma um mercado local, com suas leis de oferta e procura, normas tácitas, enquadramentos legais e os apelos por beneficiar parentes consanguíneos e/ou por afinidades, além de promoverem os contratos sociais relacionais, onde impera ainda, a sociabilidade como um diferencial característico nas relações sociais estabelecidas entre todos os sujeitos envolvidos.

Deste modo, esta situação não pode ser ignorada pelo poder público, e o planejamento só pode ser elaborado a partir do momento que tentamos compreender a sua complexidade e aí sim, propor alternativas que compatibilizem os diversos interesses envolvidos, não se pretendendo eliminar os costumes cotidianos dos espaços representativos, utilizando aqui os termos de Lefebvre, pois estas tendem a voltar ou resistir, tensionando o espaço público, seus usos e apropriações.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização**. Mana, v.7, n°2, Rio de Janeiro, p.7-33. 2001.

\_\_\_\_\_. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 216 p. 2011.

BOUÇAS, Rose Laila de Jesus. **No olho da rua: trabalho e vida na apropriação do espaço público em Salvador / Ba**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, 2015.

COSTA, Márcia Da Silva. **Trabalho Informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira**. Caderno CRH, Bahia, v. 23, n. 58, p. 171-190, jan./abr.2010.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira e PINHEIRO, Ethel. **ARQUItvidades e subjETETURAS**. Metodologia para a análise sensível do lugar / 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rio Books. Programa de Pós Graduação em Arquitetura – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROARQ – FAU-UFRJ, 2019.

DURÃES, Bruno José Rodrigues. **Trabalho Informal: um paralelo entre os trabalhadores de rua da cidade de Salvador no século XIX e no século XXI**. In: **Caderno CRH**, Salvador, n.37, p.289-308. jul./dez. 2002.

FILGUEIRAS, Luiz, A, M.; DRUCK, Graça; AMARAL, Manoela Falcão do. **O Conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica**. In: *Caderno CRH: Revista do Centro de Recursos Humanos da UFBA*. v.17, n.41. p. 211-229, Mai./Ago. 2004. Salvador: UFBA, 2004.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticá**. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

JESUS, Cláudio Roberto. **A geografia urbana do camelô belo-horizontino**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2011.

KREIN, José Dari; PRONI, Marcelo Weishaupt. **Economia informal: aspectos conceituais e teóricos**. Escritório da OIT no Brasil. - Brasília: OIT, 2010.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4ª ed. Paris: Anthropos, 2000.

LEVI-STRAUS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Rev. bra.Ci. Soc., São Paulo, v17, n.49, Jun/2002.

MOLLIER, Jean-Yves. **Camelô: Figura Emblemática da Comunicação**. São Paulo: EDUSP, 2009.

MONTESSORO, Cláudia Cristina Lopes. **Centralidade urbana e comércio informal: os novos espaços de consumo no Centro de Anápolis-GO**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

PAMPLONA, João Batista. **Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo**. Revista Brasileira de Estudos de População, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 225-249, jan./jun.2013.

ROCHA, Gilberto de Miranda. Espaço: um produto social. In, SILVA, Luiz de Jesus Dias;

MIRANDA, Cybelle Salvador (Orgs.). **Cultura, sociedade e espacialidades na Amazônia**. Belém: NUMA, 2020 .

SILVA, Luiz de Jesus Dias. Pedra Redes e Malha na Circulação de Pescado do Ver-o-Peso ao Meio Urbano de Belém do Pará. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

SILVA, Luiz de Jesus Dias; CHAVES, Celma. Mercados e feiras livres em Belém: percepção e história. In, SILVA, Luiz de Jesus Dias; MIRANDA, Cybelle Salvador (Orgs.). **Cultura, sociedade e espacialidades na Amazônia**. Belém: NUMA, 2020

SIMMEL, Geog. Questões fundamentais de sociologia, Indivíduos e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. Morfologia do tecido urbano. In: **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. Contexto: São Paulo, 2007.

WEIL, Andreza Gomes; NOGUEIRA, Marinez Gil. **Os (re) significados da informalidade no mundo do trabalho contemporâneo**. Trabalho Necessário, Rio de Janeiro, v. 14, n. 24, p. 23-44, jan. 2016.